



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

WYLLYAMIS JOSÉ DE ASSIS

**DEVIR DOCENTE: os agenciamentos como primeiro passo para o surgimento
de novos docentes**

Caruaru - PE
2025

WYLLYAMIS JOSÉ DE ASSIS

**DEVIR DOCENTE: os agenciamentos como primeiro passo para o surgimento
de novos docentes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática.
Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Simone Moura Queiroz

Caruaru - PE

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Assis, Wyllyamis José de.

Devir docente: os agenciamentos como primeiro passo para o surgimento de novos docentes / Wyllyamis José de Assis. - Recife, 2025.

83 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2025.

Orientação: Simone Moura Queiroz.

Inclui referências e apêndice.

1. Filosofia da diferença; 2. Subjetivação; 3. Agenciamento; 4. Cartografia; 5. Prática pedagógica; 6. Residência pedagógica. I. Queiroz, Simone Moura. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Wyllyamis José de Assis

**DEVIR DOCENTE: Os agenciamentos como primeiro passo para o surgimento
de novos docentes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática. Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Aprovada em: 12/03/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Simone Moura Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Cristiane de Arimatéa Rocha (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Roberto Ribeiro da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é meu refúgio e fortaleza e sempre tem me sustentado, mesmo diante de várias dificuldades, Ele sempre está presente e oportunizou a realização de o prosseguimento de um sonho que é o Mestrado.

A minha amada esposa Niely que tem percorrido a trajetória da vida junto comigo e tem me amado com meus erros e acertos, saiba que te amo na mesma intensidade.

A minha filha Wyllyane que nos meus momentos tristes sempre estava perto para me abraçar e confortar, abraços que sempre aqueceram meu coração, te amo filhota!

A meu filho Heitor que ainda tão pequeno, mas tanto me alegra, mesmo nas horas da minha escrita ele está lá comigo, às vezes tirando a concentração, mas me chamando para algo maior que é estarmos juntos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática por dar oportunidades aos estudantes do interior do estado à continuar a formação.

Agradeço a minha orientadora Professora Dra. Simone Moura Queiroz que me direcionou neste trabalho e me ajudou a organizar minhas ideias, o meu muito obrigado.

Sou muito grato a banca examinadora nas pessoas da Professora Cristiane e do Professor Roberto, que aceitaram o convite para fazer parte da minha história, serei sempre grato.

Agradeço a todos os professores do PPGEEM da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste, que fizeram parte do meu devir, pelas contribuições e ensinamentos durante o decorrer do curso.

Por fim, meus agradecimentos a todos que voluntária ou involuntariamente contribuíram para este momento, todos foram muito importantes para que tudo isto se concretizasse.

Muito Obrigado!

Oi, hoje quero te falar que você foi um ótimo Professor, quero lhe agradecer por tudo. Vi em seus olhos o amor pela matemática, reencontrei em você, meu Professor Vagner, do Ensino Fundamental, com ele aprendi a amar esta matéria, em seus olhos transbordavam o amor pela matemática, assim como nos seus. Cada aula me fazia sentir vontade de estar lá, era sagrada a matéria para mim. Cada aula um desafio, uma vontade enorme de aprender mais. Hoje sei que talvez seja a última aula com o senhor, se me permite te chamar assim, pois tenho 51 anos, não sei sua idade, mas sei que talvez pudesse ser sua mãe. Peço que continue assim, tendo está amor pela matemática, sei que os desafios são enormes. Professor, obrigada por toda a sua gentileza, paciência e dedicação. Bom, pensei que talvez eu pudesse fazer uma pós em matemática, mas a idade e a memória não me permitem mais, também gosto de história, vou tentar essa matéria quando eu terminar a pedagogia. Que o senhor Deus todo poderoso te abençoe neste Natal e Ano Novo e sua família também. Que 2025 seja melhor para todos nós, que a caminhada continue. Adeus Professor Wyl!! (Ana Paula, minha aluna num curso de Pedagogia, 2025)

RESUMO

Este trabalho investigou o devir docente de alunos da Licenciatura em Matemática, utilizando o plano de imanência da Filosofia da Diferença como campo teórico. Com a finalidade de identificar qual era a percepção dos discentes da Licenciatura em Matemática a respeito dos agenciamentos ocorridos durante sua formação, básica e acadêmica. O objetivo foi compreender como os agenciamentos coletivos e processos de subjetivação influenciam a escolha pela docência, destacando a importância das experiências vividas durante a educação básica e acadêmica. A pesquisa foi realizada por meio de narrativas de seis participantes, docentes de Matemática, em exercício ou não da profissão, que relataram suas trajetórias e as influências que moldaram suas devires docentes. A metodologia utilizada foi a Cartografia, onde nos permitiu uma análise qualitativa, enfocando as experiências subjetivas e as relações estabelecidas entre os sujeitos e seus professores. Os resultados revelaram que todos os participantes foram agenciados por professores que desempenharam papéis fundamentais em suas escolhas, com destaque para a prática pedagógica e a relação afetiva com a disciplina. A Matemática, embora considerada desafiadora, foi vista como um campo de possibilidades, onde a influência dos docentes foi crucial para ressignificar essa percepção. Além disso, o apoio familiar também emergiu como um fator determinante na decisão de seguir a carreira docente. Conclui-se que o devir docente é um processo complexo, permeado por múltiplas influências e experiências. A prática pedagógica dos professores, aliada ao suporte familiar, desempenha um papel vital na construção da identidade docente, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de futuros educadores. O estudo enfatiza a necessidade de refletir sobre as metodologias de ensino e a importância do vínculo afetivo na educação, sugerindo que a formação contínua dos professores é essencial para inspirar e motivar novos profissionais.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença; Subjetivação; Agenciamento; Cartografia; Prática pedagógica; Residência pedagógica.

RESUMEM

Este trabajo investigó el proceso de enseñanza de estudiantes de la carrera de Matemáticas, utilizando como campo teórico el plano de inmanencia de la Filosofía de la Diferencia. Con el propósito de identificar cuál fue la percepción de los estudiantes de la carrera de Matemáticas respecto de las agencias ocurridas durante su formación básica y académica. El objetivo fue comprender cómo las agencias colectivas y los procesos de subjetivación influyen en la elección de enseñar, destacando la importancia de las experiencias vividas durante la educación básica y académica. La investigación se realizó a través de narrativas de seis participantes, profesores de Matemáticas, ejerciendo o no en la profesión, quienes relataron sus trayectorias y las influencias que configuraron su evolución docente. La metodología utilizada fue la Cartografía, la cual permitió realizar un análisis cualitativo, centrándose en las experiencias subjetivas y las relaciones que se establecen entre los sujetos y sus docentes. Los resultados revelaron que todos los participantes fueron dirigidos por profesores que desempeñaron roles fundamentales en sus elecciones, con énfasis en la práctica pedagógica y la relación emocional con la disciplina. Las matemáticas, aunque consideradas desafiantes, fueron vistas como un campo de posibilidades, donde la influencia de los docentes fue crucial para darle un nuevo significado a esta percepción. Además, el apoyo familiar también surgió como un factor determinante en la decisión de seguir la carrera docente. Se concluye que convertirse en docente es un proceso complejo, permeado por múltiples influencias y experiencias. La práctica pedagógica de los docentes, combinada con el apoyo familiar, juega un papel vital en la construcción de la identidad docente, creando un ambiente propicio para el desarrollo de los futuros educadores. El estudio enfatiza la necesidad de reflexionar sobre las metodologías de enseñanza y la importancia del vínculo emocional en la educación, sugiriendo que la formación continua de los docentes es fundamental para inspirar y motivar a nuevos profesionales.

Keywords: Filosofía de la Diferencia; Subjetivación; Agenciamiento; Cartografía; Práctica Pedagógica; Residencia pedagógica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fluxograma das cartografias e suas diferenças	26
Figura 2 –	Aviador	39
Figura 3 –	Mergulhadora	43
Figura 4 –	Faroleira	48
Figura 5 –	Escrevente	52
Figura 6 –	Maquinista	57
Figura 7 –	Paioleiro	62
Quadro 1 –	Sujeitos e seus principais agenciadores	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO – O PORTO	11
2	APRENDENDO A NAVEGAR NAS ONDAS DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA	15
2.1	O PRIMEIRO MERGULHO	16
3	BOM GOVERNO TIMONEIRO – METODOLOGIA	24
3.1	O SEGUNDO MERGULHO	24
4	MERGULHANDO NOS DEVIRES	36
4.1	SAINDO DO PORTO	36
4.2	DO MAR AO AR: AVIADOR	37
4.2.1	Ganhando asas	39
4.3	O MAR DA PAIXÃO PREVALECE: MERGULHADORA	41
4.3.1	No mar profundo	43
4.4	CUIDADO PARA NÃO ENCALHAR: FAROLEIRA	46
4.4.1	A Luz	48
4.5	MANTENDO A HISTÓRIA VISTA EM CASA: ESCREVENTE	51
4.5.1	Escrevendo a sua história	52
4.6	COLOCANDO AS PEÇAS NO LUGAR: MAQUINISTA	55
4.6.1	Juntando as peças	57
4.7	JUNTANDO OS CONHECIMENTOS: PAIOLEIRO	59
4.7.1	Armazenando ideias	60
5	ENTRELAÇAMENTO	65
6	MINHA NAVEGAÇÃO	72
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	77
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	82

1 INTRODUÇÃO – O PORTO

Quando pensávamos em uma metodologia para esta pesquisa, a Filosofia da Diferença se mostrou como possibilidade interessante com vistas a viabilizar o caráter subjetivo que estudávamos. Entretanto, mesmo sendo para nós um tema conhecido, não se mostrou fácil a sua aplicabilidade. Construir e desconstruir, foram pontos por demais vistos e sentidos, podemos dizer que a complexidade no qual fomos mergulhados, nos fez mudar várias vezes, nos ressignificar, nos adaptar, readaptar, inclusive, navegar por mar desconhecido e isto nos fez sentir vivos e ao mesmo tempo, temerosos por onde passaríamos, até angustiados, mas ansiosos por sentir a brisa da possibilidade de um mar tranquilo.

Com isso, cabe destacar que vários pontos foram abordados, com a finalidade de apresentarmos ao leitor um panorama do tipo de pesquisa que destacamos no decorrer desta pesquisa, ressignificando conhecimentos e saberes, com o intuito de explorar os sujeitos que aqui serão ouvidos, descrevendo seus devires, mas não descrever no sentido literal, pois estamos longe de alcançar a literalidade da palavra, mas descrever o devir docente ou o devir profissional de cada um.

Neste sentido, ao falarmos de devir docente, falamos de um fazer profissional que difere de outros campos da sociedade. O devir, na perspectiva deleuziana, pode ser entendido como a construção de um sujeito, que não deve ser vista como uma atividade programada e fixa, mas, ao contrário, dinâmica e não é mecanizada. Ou seja, cada sujeito possui um devir distinto, pois cada um sofreu agenciamentos coletivos e individuais diversos, visto estarem inseridos em contextos distintos. Segundo a teorização de Silva (2019),

O nosso devir é constituído mediante aos nossos desejos, que é desordenado, dessa forma, no intervalo, as possibilidades são tomadas na medida em que vamos desejando, somos subjetivados. Sendo assim, o devir de um desejo, sempre começa no meio, não sabemos o dia e nem a hora que fomos despertados por ele, que fomos subjetivados a desejar (Silva, 2019, p. 52).

Em um contexto geral, vivemos e aprendemos pelos processos de mediação, porque somos rodeados de pessoas que a todo o momento nos subjetivam e são subjetivadas por nós. As influências desses processos de mediação/subjetivação podem ser positivas ou negativas a depender dos diferentes pontos de vista, e na

educação não ocorre de maneira diferente, pelo contrário, são constantes, porque a própria área requer isso.

Neste sentido, é possível inferir que a subjetivação está intimamente ligada a Educação, visto que o contexto e espaço educacional já proporcionam, por sua natureza, tal enfoque.

Assim, como na Educação de modo geral, disciplina de Matemática também passa por este processo, todavia no processo de escolarização, ela sempre foi colocada em destaque, muitas vezes de forma negativa, como a mais “difícil”. Aqueles que demonstravam facilidade e interesse por essa matéria eram frequentemente rotulados como “mais inteligentes”. Essa percepção pode levar muitos indivíduos a buscar áreas profissionais que oferecem maior prestígio social, apesar de reconhecerem a importância da profissão docente.

No entanto, existem aqueles que optam por investir na carreira de educador, mesmo sabendo que, infelizmente, a docência é muitas vezes menosprezada em comparação com outras áreas.

Levando em conta o pensamento deleuziano sobre subjetivação e os agenciamentos coletivos, que discutiremos mais adiante neste texto, o problema de pesquisa nasce da seguinte pergunta: Qual a percepção dos discentes da Licenciatura em Matemática a respeito dos agenciamentos ocorridos durante sua formação, básica e acadêmica?

Refletir sobre subjetivação e agenciamento no contexto social atual nos leva a considerar suas implicações na Educação. Essa percepção nos direciona a autores que nos ajudam a compreender esse fenômeno de forma mais aprofundada.

Algumas das obras abordadas foram de Deleuze (1990), Guattari (1991), Queiroz (2015) e Tártaro (2016) entre outros para dialogarmos sobre agenciamento e formação docente, visto que nestes encontramos um maior arcabouço teórico a respeito dos termos selecionados.

Logo, tendo em mente que, existem pessoas que optaram por seguir a carreira docente e se tornaram professores de Matemática, a hipótese é que eles passaram por processos de subjetivação que possibilitou ultrapassar barreiras, pois tiveram professores que ajudaram a superar os estigmas associados à disciplina, mostrando que ela pode ser acessível e interessante para todos, algo que poderia ser evidenciado no programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco.

Além disso, os Professores de Matemática podem, ou não, inspirar e motivar os seus alunos a seguir carreiras nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

Neste contexto destacamos que vivemos num mundo tecnológico e em constante evolução, as mudanças ocorrem de forma rápida e incessante. A sociedade está cada vez mais imersa no imediatismo, e o que não consegue se fixar tende a se dissipar rapidamente. Nesse cenário, as atitudes dos professores que exercem uma influência significativa sobre os jovens, tornando-se motivo de estudo, análise e, até mesmo, reprodução.

Segundo Queiroz (2016, p.1) “vivemos em um Mundo Líquido [Bauman] em que o provisório, o descartável, aquilo que não enraíza é o que domina os jovens”. Essa fluidez se apresenta em diversos aspectos da vida cotidiana, também alcança a educação e, mais especificamente, o ensino da Matemática.

Com base no nosso problema de pesquisa, ao passo que estamos inseridos num mundo líquido, também estamos num “dispositivo concreto” (Deleuze, 1990), ou seja, um mundo líquido, mas concreto. Aqui observamos a dualidade dos sujeitos, indo mais longe, não apenas dual, mas múltiplo, com diversos devires, diversas construções de devires. Todos diferentes, e compostos por vários.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi a Cartografia da subjetividade, no sentido deleuziano do termo. Deleuze (1995) diz que a cartografia em se refere à ideia de traçar um mapa das ideias, onde as conexões não são lineares, mas sim rizomáticas, ou seja, múltiplas e interligadas. Isso representa uma forma de pensar que se opõe à lógica tradicional e hierárquica. Logo, tal enfoque metodológico visa o desenho do mapa do sujeito, esta é uma pesquisa não tão comum no âmbito acadêmico, de modo geral, porém existe grupos específicos que se empenham neste campo, como o Grupo de Pesquisa Diferença da Universidade Federal de Pernambuco. Assim, para responder o nosso questionamento usamos este mecanismo, visto ser o que mais se adequa à Filosofia da Diferença. Para compor a parte teórica, utilizamos as seguintes palavras-chave: Filosofia da Diferença, Devir docente, Cartografia da subjetividade, Agenciamento, Formação Docente e Residência Pedagógica.

Além disso, temos como objetivo geral, descrever a percepção dos discentes da Licenciatura em Matemática a respeito dos agenciamentos coletivos e processos de subjetivação, ocorridos durante sua formação, básica e acadêmica, que incorreram

na escolha da carreira. Sendo que para alcançar este objetivo geral, perpassamos objetivos específicos os quais foram: identificar quais agenciamentos foram percebidos pelos licenciandos ou licenciados de Matemática que provocaram o desejo pela docência, verificar quais as subjetivações que os estudantes da Licenciatura em Matemática desejam reproduzir, ou já reproduzem, dos seus antigos professores da Educação básica e da graduação e descrever o devir docente dos sujeitos da pesquisa.

Outrossim, usamos metáforas relacionadas a navegação, visto o conhecimento que obtemos durante um período no qual trabalhamos na Marinha do Brasil, logo conseguimos relacionar o referencial teórico que abarca o conteúdo desta pesquisa à navegação, utilizando de vários termos náuticos que corroboram com nosso aporte teórico, sendo eles: bom governo, mar de almirante, mar 5, mestre, âncora, porto entre outros. Destacamos que o aprofundamento em cada termo foi abordado no decorrer do texto.

Portanto, tomamos um papel de navegante, onde deixamos que os ventos nos levem, sendo sabedores que por momentos vamos passar por mares agitados e turbulentos – conhecido na navegação como mar nível 5 – e outras vezes, por mares e ondas tranquilas – que por sua vez é conhecido como mar de Almirante – mas em ambos nos empenhamos em nos manter navegando sem deixarmos que as velas da nossa embarcação – pesquisa – se rasguem e fiquemos à deriva, no caso de ficarmos, que as ondas nos levem à costa, para refazermos as velas e voltarmos a navegar.

Assim, o presente texto está organizado em 07 capítulos, são os nossos Mergulhos. O primeiro apresenta a Introdução, sendo este o nosso Porto de partida; o segundo é o nosso Referencial Teórico, onde intitulamos como Aprendendo a navegar nas ondas da Filosofia da Diferença o terceiro, fazendo referência a navegação, temos o Bom Governo Timoneiro, que é a nossa Metodologia; o quarto passamos ao Mergulhando nos Devíres, que é a Descrição dos devíres de nossos sujeitos; o quinto é o Entrelaçamento, que buscamos observar a associação e semelhanças dos devíres; o sexto é composto da Minha Navegação enquanto pesquisador e professor; por fim temos as nossas considerações finais, momento que apresentamos onde conseguimos chegar na nossa pesquisa deixando claro que ela não se encerra, pelo contrário, abriu novas portas para um maior aprofundamento no contexto dos Agenciamentos e Subjetivações em sala de aula.

2 APRENDENDO A NAVEGAR NAS ONDAS DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

A Filosofia da Diferença, segundo Deleuze (1990), nos mostra que cada sujeito possui suas características, sendo múltiplos e singulares, cada um com suas especificidades. Neste sentido, é possível descrever os sujeitos de infinitas maneiras, pois são únicos, assim, tendo a ciência da imprevisibilidade do sujeito, buscamos uma associação com a navegação. Todavia para promovermos tal estudo se faz necessário apresentar alguns conceitos oriundos deste último.

Na navegação, existem vários tipos de embarcações, cada uma com finalidades distintas. Temos os navios mercantes que são responsáveis pelo transporte de cargas, geralmente são navios grandes com capacidade e autonomia para muitos dias, estas embarcações atravessam os oceanos com a sua carga para um destino predeterminado, quando descarregam as mercadorias, recarregam com outras para partirem para outros destinos.

Existe a classe das embarcações autônomas, nas quais se encontram os pesqueiros e as de lazer, a primeira, por vezes encaram mares bravios com a finalidade de alcançarem os cardumes para que consigam uma pesca produtiva, já a segunda, a finalidade específica é o divertimento dos tripulantes.

Além das embarcações mercantes e autônomas, temos as embarcações militares, onde várias são as categorias, dentre elas os navios patrulhas, que são embarcações menores, com uma velocidade maior que as demais, visto a necessidade de patrulharem grandes áreas em curto espaço de tempo e manterem a sua segurança, além disso, também possuem a responsabilidade de promoverem resgate à outras embarcações. Parecida com os navios patrulha, as Fragatas e Corvetas, também realizam as atividades de patrulha, mas são embarcações maiores com a capacidade de apoiarem outros países nas questões de segurança. Os porta-aviões e porta-helicópteros, como o próprio nome diz, são responsáveis pela segurança e apoio aéreo de áreas marítimas.

Ainda no âmbito das embarcações militares, possuímos os navios de pesquisa, os quais são responsáveis por levarem pesquisadores para estudarem áreas, geralmente inóspitas, que não recebem com grande frequência o homem. Temos no Brasil os exemplos dos Arquipélagos de São Pedro e São Paulo/PE e da Trindade e Martim Vaz/ES, mas também existem as embarcações responsáveis por manterem

as pesquisas em andamento na Antártida, que são os navios oceanográficos, também militares.

Pensando em pesquisa em áreas de difícil acesso, poderíamos falar do Triângulo das Bermudas que fica entre a costa dos Estados Unidos, de Bermudas e de Porto Rico, no mar do Caribe.

Nesta região é comum o surgimento das ondas *rogue*, também conhecidas como ondas gigantes, que são fenômenos naturais surpreendentes que ocorrem ocasionalmente nos oceanos de todo o mundo, mas com maior frequência no Triângulo das Bermudas. Essas ondas únicas se destacam por sua altura inesperada e comportamento imprevisível, causando grande fascínio entre os estudiosos e aventureiros do mar.

Segundo a definição da Organização Meteorológica Mundial (OMM), uma onda *rogue* é "uma onda única anormalmente grande em relação às ondas ao seu redor". Essas ondas podem atingir alturas impressionantes, chegando a mais de 30 metros de altura, colocando em risco embarcações, estruturas costeiras e até mesmo vidas humanas.

Na caminhada humana, podemos dizer que passamos por vários momentos similares as ondas em questão, momentos de turbulência, que nos desmontam, são responsáveis por nos tirar de certos caminhos, de certas rotas de navegação e, como se estivéssemos à deriva, nos levam para um outro mar, podendo ser mais tranquilo ou não.

Tendo por base a ocasionalidade das ondas rogues e a ondas das nossas vidas, que ambas acontecem sem aviso prévio, podemos comparar a Filosofia da Diferença a estes fenômenos, momentos nos quais, existe a necessidade de nos reinventarmos, de improvisarmos, de pensarmos em meios para vencer as grandes ondas, de formar o que não tinha forma, para assim continuar navegando.

2.1 O PRIMEIRO MERGULHO

Deleuze e Guattari (1991, p. 13) afirmam que “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Vitkowski (2017, p. 74) diz que a filosofia “[...] mostra-se como produção, como ato especialmente criativo, e o filósofo torna-se uma espécie de artesão que produz seus conceitos e neles imprime as marcas de seu esforço de pensar, por isso mesmo levam a assinatura do seu criador.”

Logo, podemos dizer que durante o nosso desenrolar iremos “roubar” conceitos de outras áreas, mas não devemos olhar para a palavra roubar num sentido pejorativo, mas num sentido criativo, assim como nos mostra Gallo (2000, p. 50).

A produção filosófica é necessariamente solitária, mas é uma solidão que propicia encontros; esses encontros de ideias, de escolas filosóficas, de filósofos, de acontecimentos é que proporcionam a matéria da produção conceitual. Em outras palavras, só se produz na solidão da interioridade, mas ninguém produz do nada, no vazio. A produção depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo.

Desta feita, sabendo que todo conceito é múltiplo e que nenhum filósofo cria conceito sem outros pré-estabelecidos, nos é apresentado o plano de imanência, como dito por (Schöpke, 2009, n.p.) “O plano de imanência é, neste sentido, o meio fluido onde os conceitos interagem, afetando e sendo afetados por outros conceitos”. Além disso, a criação conceitual se mostra dinâmica e articulada ao meio que se encontra, conforme nos fala Vitkowski (2017),

Há um estatuto pedagógico do conceito, por meio da articulação dos vários elementos do mecanismo de conceituação. Esse movimento de criação conceitual se dá no solo ou horizonte, denominado de plano de imanência, o qual pode ser compreendido como um campo onde se produzem, circulam e se entrecrocaram os conceitos. Nesse plano, atuarão o(s) sujeito(s) de produção conceitual, como elemento(s) criador(es). (Vitkowski, 2017, p. 79)

Com isso, destacamos a existência das subjetivações e estas ocorrem em todos os âmbitos da sociedade. Os professores, no ambiente escolar, particularmente na sala de aula, possuem papel fundamental neste processo, visto possuírem a prerrogativa de influenciar um grande grupo de ouvintes, e tais práticas, por vezes, podem ser questionadas.

Assim, Tártaro (2019) reflete que,

Vivemos rodeados por situações que colocam em xeque nossas práticas docentes. Enquanto aquele que ensina, esperamos que nossas práticas sejam exemplos para nossos alunos, pois sabemos que elas são semelhantes àquelas que outrora nos foram ditas ou feitas por pessoas que foram referências para nós. (Tártaro, 2016, p. 9).

Entretanto, a subjetivação está intimamente ligada aos grupos nos quais o sujeito está inserido, ao círculo que está associado, isto ocorre de tal forma que o fazer parte de um grupo, por vezes, é o fazer-se do sujeito, assim como no mar bravio,

onde a necessidade de uma tripulação unida é essencial para enfrentar as adversidade e imprevisibilidades das ondas, o fazer de um, é o fazer dos demais, como veremos adiante, mas apresentando características que são comuns ao grupo, estas são as linhas que os perpassaram, as linhas de força.

Neste sentido Levy (2009, n.p.) afirma que “O sujeito é o produto desse processo de subjetivação”. O sujeito, sendo multiplicidades, recebe linhas de subjetivação em todos os meios que se encontra. A subjetivação é um processo complexo e multifacetado que envolve tanto aspectos individuais quanto coletivos, e que está intrinsecamente ligado às questões éticas, culturais e sociais que permeiam a vida humana. Rolnik (2006) diz que a subjetivação é o processo pelo qual um indivíduo se constitui como sujeito, ou seja, como uma entidade autônoma e consciente de si mesma, envolvendo a internalização de normas, valores e crenças da sociedade em que se está inserido, bem como a construção de uma identidade pessoal única.

Linhas de força vêm a representar os diversos caminhos que atravessam o sujeito e criam nele vários mares, que levam a vários portos, estes mares, começam exteriormente ao sujeito, mas ao adentrarem, invadem os seus recôncavos e perpassam por outros mares, que por sua vez, ainda não haviam sido desbravados, estes mares recém descobertos modificam o sujeito em um novo, um novo eu, como dito anteriormente, singular, mas também múltiplo. Como nos fala Deleuze (1996).

Um dispositivo comporta linhas de forças. Dir-se-ia que elas vão de um ponto singular a outro, nas linhas de luz e nas linhas de enunciação; de algum modo, elas «rectificam» as curvas dessas linhas, tiram tangentes, cobrem os trajetos de uma linha a outra linha, estabelecem o vai-e-vem entre o ver e o dizer, agem como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha. A linha de forças produz-se «em toda a relação de um ponto a outro» e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, ela está estreitamente enredada nas outras e é totalmente desenredável. (p. 1-2, grifo do autor)

Sendo assim, devemos compreender que vivemos numa sociedade repleta de dispositivos, cada ambiente possui suas características que os tornam únicos. E estes dispositivos se entrelaçam formando um novelo, como nos fala Deleuze.

É uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em

desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. (Deleuze, 1990, p. 155)

Os dispositivos são responsáveis por nos dar características diversas e quando juntamos todas elas, temos a representação do eu, singular e, simultaneamente múltiplo. Singular no sentido de ter uma união única de subjetivações e múltiplo por ter parte de cada dispositivo entranhado no ser, como, de fato, uma teia, uma rede que liga o sujeito ao tudo e ao íntimo.

Desta feita, percebemos que somos moldados, agenciados em cada ambiente que estamos inseridos, como se fossemos um quebra cabeça tal qual um tangram. Tártaro (2016, p. 27) diz que somos constituídos de “cacos” e um destes é a formação em Licenciatura em Matemática, que associada a outros formam uma configuração. Entretanto, não é uma configuração fixa, pois eles podem ser reorganizados e produzir outras múltiplas configurações, a depender dos dispositivos que estamos inseridos.

Alguns destes “cacos” são as subjetivações que recebemos durante a educação básica e elas estão intimamente ligadas ao nosso devir docente.

Agenciamento é o que atrai, que conquista, que nos faz querer permanecer onde estamos, é a rota de fuga, é algo oposto, que ocorre quando somos agenciados por outro movimento. A sala de aula é um convite à permanência, ela agencia, a partir do instante que querem permanecer nela, todavia observa-se que outros movimentos estão atraindo cada vez mais os alunos, fazendo-os optarem por rotas de fuga. (Queiroz, 2016, p. 2-3)

De acordo com Queiroz (2016), a sensação descrita é comparável a estar imerso no mar, sendo conduzido por várias correntezas que nos levam de um lugar a outro de forma involuntária, ou como ondas persistentes que ameaçam nos derrubar, nos fazendo lutar para não nos afogarmos ao engolir água, dificultando nossa tentativa de emergir. Somos bombardeados cotidianamente por diversos entes que agenciam, a sala de aula é apenas um dos locais que isso ocorre. E refletir o que tem atraído os jovens nos dias atuais é importante para entendermos a sociedade que vivemos.

Deleuze e Guattari (2011) argumentam que o desejo não é uma carência a ser satisfeita, mas sim uma força positiva, inovadora e crítica, que impulsiona a vida e as relações humanas. Eles destacam a multiplicidade do desejo, defendendo que ele não se limita a desejos individuais, mas se manifesta em redes complexas de intensidades e conexões. Sendo assim, apresentam uma visão revolucionária do desejo,

enfatizando sua natureza produtiva, sua relação com o poder e a liberdade, e sua capacidade de criar novas possibilidades de existência e subjetividade.

Desejar, com base nesta visão, vai muito além do individualismo, segue uma linha na qual o sistema que nos encontramos atua ativamente na produção dos desejos, ou seja, na produção do nosso querer. No que diz respeito ao processo de ensino e de aprendizagem não é diferente, podemos observar claramente em momentos de adversidades.

Mas o desejar não algo tão simplório, pelo contrário, atualmente, devido todo o contexto tecnológico, este desejo tornou-se algo rápido e que não está enraizado, o mundo atual é algo rápido, dinâmico e fluido, ou seja, líquido, o mundo líquido. Bauman (2000) argumenta que, na modernidade líquida, as estruturas sociais que antes eram sólidas e duradouras se tornaram flexíveis e efêmeras. Ele descreve como as relações interpessoais se tornaram superficiais, refletindo uma sociedade onde a incerteza e a insegurança predominam. As pessoas, em busca de liberdade e individualidade, frequentemente evitam compromissos duradouros, resultando em um ambiente social onde a conexão genuína é rara. Essa liquidez das relações leva a um sentimento de solidão e alienação, pois, apesar da constante interação, a profundidade das conexões humanas se perde.

Neste mesmo sentido, posteriormente, o mesmo Bauman (2003) ainda explora, além das relações sociais, de modo geral, a fragilidade das relações amorosas na sociedade contemporânea. Ele observa que o amor, que deveria ser uma fonte de segurança e estabilidade, muitas vezes se torna uma experiência temporária e volátil. As pessoas, influenciadas pela cultura da escolha e pela busca incessante por novas experiências, hesitam em se comprometer plenamente. Esse fenômeno resulta em relacionamentos que são frequentemente interrompidos ou dissolvidos, deixando um vazio emocional e a sensação de que o verdadeiro amor é cada vez mais difícil de alcançar. Bauman enfatiza que, em um mundo onde tudo é líquido, até mesmo os laços mais profundos podem ser facilmente desfeitos.

Logo o agenciamento para a educação pode ser visto como utópico, pois parece que não atrai o quanto esperávamos. Conseguimos ver isto mais de perto na crise histórica que presenciamos na saúde, ela serviu para que percebêssemos o quanto precisamos evoluir, todavia, passamos por crises na educação que devem ser analisadas do ponto de vista dos professores, atuar em aulas remotas e/ou híbridas, devido a Pandemia da COVID-19, foi apenas uma amostra do que temos que

melhorar, tivemos dias sem aula, apenas conversas por redes sociais, cabe a reflexão: como agenciar os estudantes? Devemos entender que “não é o ensino que faz aprender, mas o desejo e agenciamento” (Deleuze; Guattari, 2011 apud Queiroz, 2016, p. 2).

Dessa maneira, construímos o outro a partir do que sabemos de nós mesmos. É nesta perspectiva que imaginamos porque o outro desistiu. É a nossa fragilidade que nos impulsiona a pensar a causa que levou o outro a tomar certas decisões. Desistimos quando somos agenciados por outras coisas. Desistimos porque o curso de licenciatura não conseguiu ser o mais potente dos afetos em nós. Desistimos, também, quando somos impedidos de continuar. Quando não nos adequamos às exigências de determinado território. Mudamos nosso rumo, encontramos desvios de formação. (Tártaro, 2016, p. 97-98)

O docente pode agenciar seus alunos, podendo levá-los a refletirem sobre o mundo, sobre as políticas, sobre a sociedade, não apenas fechados “numa caixinha”, mas abertos a debater e a buscar entender o que acontece no contexto social. Cabe ser críticos para estimular a criticidade.

Pois bem, quando juntou o meu desejo de querer ser professor, advindo da admiração pela minha avó e por esse professor e, juntando com a satisfação que eu sentia a cada aula que dava na sala da escola da minha avó, eu não tinha para onde correr. O ofício me agenciou de tal forma, que antes mesmo de ser obrigado a escolher uma profissão, por conta do vestibular, eu já tinha certeza do caminho que gostaria de trilhar. (Queiroz, 2015, p. 147)

Diante dessa narrativa, podemos inferir que o professor influencia diretamente na vida dos seus estudantes, pois o agenciamento existe e deve ser contemplado, e, embora cada um possua a sua história, seu devir docente, com suas subjetivações, isso é o que nos torna diferentes.

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem se identificar; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a parecer, nem ser, nem equivaler, nem produzir. (Deleuze; Guattari, 1997b, p. 16-17 apud Tártaro, 2016, p. 155-156)

Silva (2016), no artigo “Meu professor inspirador” nos conta de alguns professores que foram inspirados por seus antigos mestres:

Tive uma professora de química excelente. Ela tinha domínio da turma e conseguia me encantar com todas as fórmulas e conceitos. Segui a carreira a tendo na minha memória como inspiradora. Após 10 anos de profissão, tive a honra de ser sua colega de trabalho em uma escola em Vitória, no Espírito Santo. E acredite, continuei aprendendo ainda mais com ela! A troca de experiências me fez ser uma professora bem melhor. Hoje percebo que, por mais que os alunos reclamem da dificuldade da disciplina, eles tentam aprender pela minha paixão pela profissão. Muitos dos meus alunos optaram pela carreira de professor porque os inspirei em algum momento, mantendo o ciclo. Amo muito o que faço". Paula Vivaldi, inspirada pela professora Cátia Fosse. (SILVA, 2016, n. p.)

Neste sentido, não podemos negar que muitos decidem pela docência devido aos seus antigos mestres, que através de suas metodologias agenciaram e angariaram mais profissionais para a sala de aula, logo entender o que estes antigos professores fizeram para agenciar os que hoje estão na formação docente, pode nos fazer entender um pouco mais a Educação.

Todos somos diferentes e esta diferença é que nos aproxima como sujeitos críticos e pensantes, indivíduos capazes de influenciar e sermos influenciados, sendo assim o professor, quando falamos de educação, tem papel importante, que é o de apresentar ao estudante o mundo da sala de aula.

Outrossim, é possível entender que o devir docente começa na educação básica, com o primeiro contato com professores que conseguem apresentar as disciplinas, que mesmo sendo complicada, este modo de dar aula pode agenciar o estudante para a docência.

Todavia, é necessário se sentir pertencente ao meio, pertencente ao ambiente educacional, ou seja, experienciar a educação. Quando falamos de experiência é imprescindível citar o texto *Experiência e Educação* de Larrosa (2002), ele diz que a relação entre experiência e aprendizado, enfatizando a importância da vivência na formação do conhecimento deve ser central no processo educativo, destacando como as interpretações pessoais moldam o entendimento do mundo, ou seja, um processo de ensino-aprendizagem onde o estudante é ativo.

Além disso, Larrosa (2002) enfatiza que experienciar é mais do que simplesmente passar por eventos; é um processo que envolve a construção de significado. As experiências são moldadas por contextos culturais, sociais e históricos, influenciando como percebemos e interpretamos o mundo. Larrosa (2002), enfatiza que a construção de significado é um processo complexo que vai além da mera vivência de eventos. Ele argumenta que experienciar envolve a interpretação e a

reflexão sobre essas vivências, permitindo que os indivíduos atribuam valor e sentido às suas experiências.

Esse processo é influenciado por fatores como o contexto, que se refere ao ambiente em que a experiência ocorre e às circunstâncias ao redor; a memória, que inclui as lembranças e experiências passadas que moldam a percepção atual; a interação, que envolve o diálogo e a troca com outros indivíduos, enriquecendo a compreensão e a interpretação das experiências; e a reflexão, que é o ato de pensar criticamente sobre as experiências e suas implicações, permitindo um aprendizado mais profundo, sendo um processo ativo e dinâmico, onde o sujeito não é apenas um receptor passivo de eventos, mas um agente que busca entender e integrar suas experiências à sua vida e identidade.

Desta feita, iremos adentrar em algo novo, inclusive pela maneira como ocorrerá a pesquisa que será por meio da cartografia da subjetividade, um novo dispositivo, um novo campo, e assim desenvolver uma série de narrativas que nos mostre as subjetividades e, portanto, o devir de cada sujeito.

3 BOM GOVERNO TIMONEIRO – METODOLOGIA

Na navegação existe um linguajar próprio, onde várias palavras mudam de significado, seria um plano de imanência, onde termos que são comumente utilizados no meio secular ganham um novo sentido.

A expressão "Bom Governo Timoneiro" tem suas origens na metáfora náutica, onde o timoneiro é a pessoa responsável por guiar um navio. Existe uma analogia entre governar um Estado e comandar uma embarcação que é recorrente no pensamento político ocidental, remontando a pensadores clássicos como Platão, segundo ele, em sua obra "A República": "O governante ideal é aquele que, como um timoneiro experiente, é capaz de manter o curso certo do Estado, mesmo em meio a tempestades e adversidades políticas." (Platão, 488 a. C, n.p.)

Essa metáfora do "bom governo timoneiro" é frequentemente utilizada na retórica e oratória políticas, como forma de exaltar a imagem de um líder hábil e competente. No uso cotidiano, a expressão evoca a noção de uma liderança firme, experiente e eficaz, capaz de manter o rumo certo.

Entretanto, no que diz respeito a gíria utilizada no meio náutico, a expressão remete a guiar corretamente a embarcação, manter na rota designada. Para que isto ocorra, se faz necessário definir qual o percurso que deve ser seguido e quais passos que devem ser dados, mesmo àqueles em caso de intempéries.

Neste sentido, buscando traçar uma linha entre a navegação e a Filosofia da Diferença, desenvolvemos uma pesquisa que levou em consideração as rotas que seriam navegadas, incluindo as possíveis adversidades.

Todavia, nos utilizando de outro linguajar marinho: "Não se faz bom marinho em mar calmo" (EXPRESSÃO POPULAR. [s.d.]), temos a convicção de que adversidades surgem quando adentramos em mares desconhecidos, e esperávamos que isto acontecesse, mas para conseguirmos desbravar este vasto oceano, definimos a nossa rota de navegação.

3.1 O SEGUNDO MERGULHO

Para desenvolver este trabalho, não poderíamos tomar uma posição de capitão, pois nada estava em nosso controle, nos colocamos na posição daquele que apenas conduz as atividades durante a viagem, na navegação militar o responsável

por isso é o profissional de Manobras e Reparos, comumente chamado de MR, Merrê ou de Mestre. O Mestre é aquele que diz o momento certo de amarrar as espias¹, de soltar as espias, de abrir as velas ou de fechá-las, aquele que direciona os marinheiros para as demais atividades que envolvem a navegação. Este foi o nosso papel durante esta pesquisa, direcionar a tripulação no que fazer durante a nossa viagem.

Sendo assim, este trabalho é caracterizado, segundo a sua abordagem, como sendo uma pesquisa qualitativa, porque descreve como se dá o processo de subjetivação, na educação básica e acadêmica, de estudantes e professores que escolheram a Licenciatura em Matemática como profissão.

A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Algumas características básicas identificam os estudos denominados qualitativos. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. (Godoy, 1995, p. 21)

Assim, tomamos a Cartografia do Sujeito como aporte para o desenrolar desta pesquisa, utilizando pesquisadores como Deleuze (1990), Guattari (1991), Queiroz (2015) entre outros, visto que estes autores desenvolveram pesquisas que se entrelaçam ao tema desta pesquisa.

Descrevemos os principais motivos que provocaram nos licenciandos o desejo de se tornarem professores, estes dados foram expostos em caráter de narrativas dos diferentes devires docentes.

Passos (2007) afirma que a Cartografia,

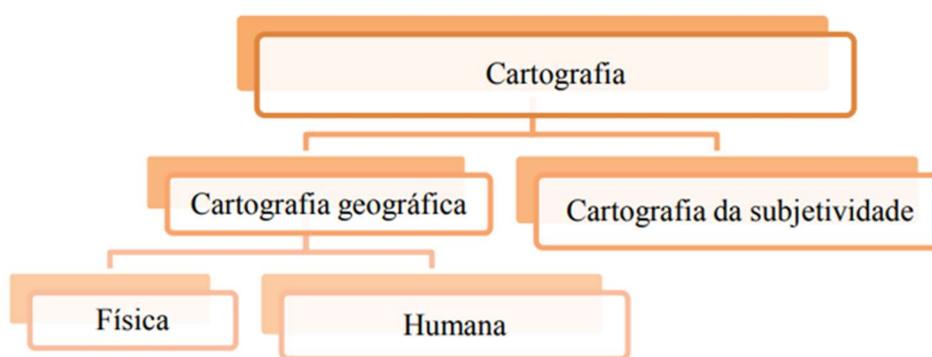
Não sendo uma geografia estática de uma realidade passada. Pelo contrário, ela se define como uma cartografia de guerra, como percepção dos movimentos presentes em cada diagrama (seja ele o diagrama-suplício, o diagrama-punição, o diagrama-disciplina ou o diagrama-modelo-prisão), e pelas suas diversas localizações na topografia histórica do tempo (Passos, 2007, p. 2)

A cartografia do sujeito se destaca no que diz respeito a confecção do mapa do sujeito, sendo assim, se diferencia da cartografia geográfica, pois não é estática

¹ Cordas responsáveis por manter o navio preso no cais.

ou fixa, porém não possui um começo ou fim, mas várias intersecções nas quais destacam-se as subjetivações a agenciamentos sofridos, formando assim, como supracitado, um sujeito múltiplo e singular. A Cartografia Geográfica – mesmo nas suas duas ramificações – é a subjetividade do sujeito. Sendo a Cartografia Geográfica Física a confecção de mapas com utilização de relevo, clima e representações da natureza; já as Cartografia Geográfica Humana diz respeito a questões políticas e sociais. Mostrando-nos a distinção do que utilizaremos nesta pesquisa.

Figura 1 – Fluxograma das cartografias e suas diferenças



Fonte: Queiroz e Souza (2013, p. 50).

Além disso, na pesquisa cartográfica o pesquisador adentra no campo do sujeito, como dito anteriormente, agenciando e sendo agenciado.

Sempre que um cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habilitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo do contato direto com as pessoas e seu território existencial [...] além de observar o etnógrafo participa, em certa medida, da vida delas, ao mesmo tempo modificando pela experiência etnográfica. (Kastrup. 2009 p. 56)

Segundo Oliveira e Passos (2012), a cartografia redefine as características fundamentais dos objetos de pesquisa, que se encontram em constante movimento, fluidez e evasão, representando assim a dissolução da forma e a introdução da velocidade. Os objetos a serem cartografados não são entidades estáticas, mas sim entidades dinâmicas que se estendem sobre diversas superfícies, adotando múltiplas formas de existência através de processos de (des)territorialização que ocorrem nas interações entre fluxos heterogêneos.

Inspirada nas obras dos filósofos Deleuze e Guattari (1972) e de (1980), a Cartografia vem sendo utilizada em pesquisas interessadas pelo estudo dos modos

de produção de subjetivação. Esta metodologia cartográfica cria seu próprio percurso e maneiras de agenciamentos com os saberes e fazeres que surjam no momento da pesquisa, por isso, está sempre ancorado no real. Convoca a um exercício cognitivo próprio do pesquisador, uma vez que requer um olhar atento, perceptivo e suscetível a mudanças.

Segundo a pesquisadora Raquel Rolnik (2010), as etapas para realizar uma cartografia podem ser compreendidas em três fases principais. A primeira etapa envolve a definição do objetivo, onde é essencial esclarecer o que se deseja mapear. Isso implica identificar o problema ou a questão a ser abordada, além de estabelecer os objetivos da cartografia. É importante ter uma compreensão do contexto e das necessidades da comunidade ou do grupo que será mapeado.

Após essa definição, a próxima fase é a coleta de dados, que inclui a obtenção de informações relevantes. Esses dados podem ser coletados por meio de entrevistas, questionários, observações e análise de documentos. A participação do sujeito é fundamental nesse processo, pois enriquece a compreensão da realidade a ser mapeada, garantindo que diferentes perspectivas sejam consideradas.

Por fim, a última etapa diz respeito à análise e representação dos dados coletados. Isso envolve organizar as informações de maneira visual, utilizando, no nosso caso, o mapa do sujeito. A representação deve ser acessível e refletir a realidade mapeada, permitindo que os leitores entendam as dinâmicas e relações presentes no espaço em questão. É importante ressaltar que essas etapas são interativas e podem ser revisitadas conforme necessárias, tornando a cartografia um processo dinâmico e adaptável às realidades observadas. A Cartografia organiza o processo, reorganizando as ideias e o pensamento do pesquisador (Deleuze; Guattari, 1995). O método visa acompanhar um processo e não representar um objeto, ou seja, é um saber acompanhado de um fazer. A Cartografia surge como princípio de rizoma, apresenta múltiplas entradas e saídas, constituindo-se como mapa móvel, numa rede de conexões e experiências.

Faça rizoma, não faça raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Faça mapas. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 35-36)

Esses agenciamentos compuseram o método desta pesquisa: a Cartografia. Uma concepção cartográfica é, para Deleuze (1997, p. 75), muito distinta da concepção arqueológica, pois, para o filósofo, a concepção arqueológica é profundamente “[...] memorial, comemorativa ou monumental, que incide sobre pessoas e objetos, sendo os meios apenas terrenos capazes de conservá-los, identificá-los, autenticá-los”. Nessa concepção, prossegue o filósofo, há uma superposição das camadas que é atravessada por uma flecha que vai de cima para baixo, trata-se de sempre afundar-se. Ao contrário, a concepção cartográfica age por mapas que se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem. De um mapa a outro, não se trata de busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que necessariamente vão de baixo para cima.

No que diz respeito à natureza da nossa pesquisa, esta é básica, pois tem o intuito de gerar conhecimento para Ciência sobre os processos de subjetivação, não tendo, necessariamente uma aplicação prática ou para obtenção de lucro.

A Pesquisa Básica constitui-se a fonte de conhecimento sobre os fenômenos que ocorrem no mundo real e, em particular, no âmbito da natureza. Este tipo de conhecimento, embora possa apresentar algumas características de cunho local muito importante, é passível de ser gerado por pesquisadores localizados em diferentes partes do mundo e tem um forte caráter de universalidade. Sua materialização e importância, em termos de divulgação do conhecimento, se dão por meio de publicações científicas nas diferentes áreas do conhecimento. (Robaina, 2021, p. 42).

Sobre a classificação quanto aos objetivos, temos um trabalho descritivo, pois na pesquisa descritiva se busca um aprofundamento no tema em questão e isto será a nossa principal finalidade.

A pesquisa descritiva configura-se como um estudo intermediário entre a pesquisa exploratória e a explicativa, ou seja, não é tão preliminar como a primeira nem tão aprofundado como a segunda. Nesse contexto, descrever significa identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos. (Raupp; Beuren, 2006, p. 81).

Além disso, Gil (1999, p. 41), diz que “[...] a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis.”

Os dados foram produzidos com Ex-participantes do Programa Residência Pedagógica – RP, na Universidade Federal de Pernambuco, no Campus do Agreste, situado na cidade de Caruaru/PE.

O Programa de Residência Pedagógica, promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visa impulsionar projetos institucionais de residência pedagógica em Instituições de Ensino Superior (IES). Seu principal objetivo é aprimorar a formação inicial de professores para a educação básica nos cursos de licenciatura. Os objetivos incluem fortalecer a formação teórico-prática dos estudantes, contribuir para a construção da identidade profissional dos licenciandos, estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas, valorizar a experiência dos professores da educação básica e promover pesquisa colaborativa.

Na UFPE/CAA, de acordo com o site institucional, o Programa Residência Pedagógica passou por várias etapas, desde a sua implantação, em 2018, como no decorrer das seleções.

Neste primeiro momento, foram disponibilizadas 90 vagas para o curso de Matemática no Campus do Agreste, sendo 72 bolsistas e 18 voluntários os selecionados seriam divididos entre três coordenadores que, além de ficarem lotados em três escoladas diferentes, sob a responsabilidade de outros três supervisores.

Posteriormente, em 2020, ocorreu uma outra seleção, agora contando com 30 vagas, sendo 24 bolsistas e 6 voluntários. Uma queda significativa na proposta do Programa para a Região, pois menos discentes poderiam adquirir experiências nas escolas disponibilizadas.

No ano de 2022 a terceira seleção que abria vagas para Licenciatura/Matemática na UFPE/CAA foi realizada, agora com apenas 6 vagas para bolsistas e nenhuma para voluntário, uma diminuição gritante em relação à primeira seleção, sendo mais de 90% nos bolsistas e 100% nas vagas voluntárias e 93,3% no geral.

Neste contexto, podemos perceber que o Residência Pedagógica foi sendo deixado de lado, um programa que surgiu com grande potencial, no que diz respeito a proporcionar experiência docente para os discentes das licenciaturas, foi tendo a disponibilidade de bolsas e vagas voluntárias sendo extintas e se aguarda o que será do Programa.

Neste contexto de pesquisa, e dado o fato de a pesquisa Cartográfica ter características próprias e ter um caráter descritivo do sujeito, restringimos a amostra de participantes em 7(sete), e assim buscamos abarcar o que pede a pesquisa cartográfica. Sendo esta pesquisa um estudo de caso.

O estudo de caso é uma estratégia de condução de pesquisa indicada para situações em que o investigador possui casos claramente identificáveis e delimitados, conforme suas possíveis classificações, que busca compreender em profundidade um caso ou uma comparação sistemática de vários casos. (Yin, 2001, *apud* Magalhães, 2021, p. 178)

O recrutamento dos participantes se deu através de uma pesquisa inicial entre Ex-participantes do RP. Tal pesquisa foi realizada, inicialmente, com o grupo do RP que atuou em conjunto com o autor desta dissertação, que também foi residente, após contato por telefone e a confirmação de que haviam escolhido a licenciatura em Matemática como primeira opção de graduação, e tendo aceitado participar da pesquisa, foram inseridos como sujeitos deste estudo. Além disso, foram contactados por telefone, estudantes que se encontravam no Residência no ano de 2024, sendo realizados para estes os mesmos questionamentos, se haviam escolhido a licenciatura em Matemática como primeira opção e se desejavam participar da pesquisa, sendo posteriormente inseridos, àqueles que aceitaram, no rol de sujeitos.

Àqueles que foram selecionados foram encaminhados para uma segunda fase, sendo a marcação da entrevista em conjunto com a confecção de um desenho que remetesse a formação docente.

Foram excluídos da pesquisa aqueles que não fizeram parte do programa mencionado e que não desejaram participar da pesquisa, restando, assim, 6 (seis) participantes que receberam nomes específicos que se relacionam com a navegação, com finalidade de manter o anonimato, sendo: Aviador, Mergulhadora, Faroleira, Escrevente, Maquinista e Paioleiro.

A produção de dados foi iniciada no mês de agosto de 2024 e se estendeu até o mês de setembro do mesmo ano. Tendo a análise dos dados iniciada simultaneamente e continuando até dezembro. Para a produção de dados foram utilizados papel e lápis para realização de mapas narrativos e uma extensão para transcrição de áudio no *Google meet*.

Inicialmente, pedimos que os participantes realizassem um desenho, antes de adentrarem na sala *meet*, com a finalidade de que falassem a respeito do desenho e

de sua visão da docência, quando acabassem, deveriam enviar via *whatsapp* para que pudéssemos iniciar a entrevista.

Sobre o desenho, Rotondo (2010) diz que

Os desenhos têm o movimento-função de transformação-produção, pois interferem nos estados de coisas que se apresentavam – atualizam as virtualidades daquele real – mesmo não interferindo no processo. O dispositivo desenho dentro do dispositivo entrevista faz com que as linhas de enunciação – uma dizibilidade – tomem a forma molar, atualizem-se no/através do desenho. [...] é possível falar de lugares que não estão materializados no desenho e, no entanto, conversar a respeito deles. (p. 36 apud Queiroz, 2015, p. 66)

Neste contexto, após entrada na sala *meet*, pedíamos que falassem sobre o desenho e em seguida usamos uma pergunta norteadora: Quem são ou qual é a sua maior referência no que diz respeito a carreira docente? Esta pergunta deu base à produção de dados e prosseguimento da pesquisa, destaca-se que cada pergunta posterior foi diferente para cada participante, pois rumos diferentes foram seguidos, as perguntas não foram previamente elaboradas, mas foram evocadas durante o diálogo ocorrido na entrevista.

Gil (2017) afirma que “A pergunta norteadora é fundamental em um trabalho científico, pois orienta a pesquisa e delimita o objeto de estudo. Ela deve ser clara e específica, permitindo que o pesquisador direcione suas investigações de forma eficaz.” (p. 45).

Acreditamos que a partir destes dois elementos foi possível inferir sobre os agenciamentos e subjetivações, ocorridos pelos licenciandos, salientamos que devido o tipo de pesquisa que estamos realizando – Cartografia da Subjetividade – as demais perguntas do questionário surgiram após o desenrolar da resposta à pergunta norteadora. Neste sentido, cada tripulante da nossa pesquisa seguiu por uma rota de navegação distinta.

Cada um dos nomes remete a uma área específica da navegação, conforme as definições e relação dos participantes.

Aviador

O emprego da Aviação Naval envolve diversos desafios específicos, como a operação em condições meteorológicas adversas e a necessidade de pousos e decolagens em um espaço limitado, a bordo de navios em movimento. Para garantir a segurança dos voos, o navio adota medidas rigorosas, que incluem

treinamento intensivo para os militares, rígida manutenção dos equipamentos, procedimentos de emergência bem estabelecidos, além da coordenação entre as equipes envolvidas. (AGÊNCIA MARINHA DE NOTÍCIAS, 2024)

Ex-aluno da UFPE/CAA seguiu um caminho distinto da docência, buscando outras oportunidades, porém mantém uma grande admiração pela docência e por colegas que a exercem.

Recebeu tal nome, pois como um aviador que desbrava os céus assim o fez na sua vida profissional, todavia não na carreira na qual se formou, buscou uma nova área no que diz respeito ao empreendedorismo, mas não descarta o regresso ao que estudou na academia.

Mergulhadora

Os mergulhadores da Marinha do Brasil (MB) são capacitados para enfrentar os mais diversos desafios, tanto no mar, quanto nos rios. Peças fundamentais para a segurança e eficácia das operações navais, esses profissionais estão sempre prontos para lidar com situações adversas, como desenganche de navios, inspeções em superfícies submersas, buscas, além do salvamento e reflutuação de embarcações e aeronaves naufragadas. (AGÊNCIA MARINHA DE NOTÍCIAS, 2024)

Ex-aluna da UFPE/CAA mergulhou no seu aperfeiçoamento após a graduação, foi logo aprovada no PPGECEM, buscando a titulação de Mestre.

Recebeu este nome, pois de fato mergulhou e tem ficado cada vez mais profunda no que escolheu como vida profissional, tendo se dedicado diariamente no seu aperfeiçoamento. Passando, como um mergulhador profissional, por desafios tantos, todavia, não abandonando a missão que lhe foi conferida.

Faroleira

Para que uma navegação seja bem-sucedida, é necessário planejamento e a utilização de instrumentos que ajudam a direcionar o percurso. Entre os instrumentos utilizados para orientar aqueles que decidem navegar estão as cartas náuticas, as boias luminosas e os faróis. Avistar um farol é muito mais que apenas ver uma edificação. Pode representar alívio e esperança, um sinal de que o lar está mais próximo ou que a navegação está seguindo conforme planejada. (AGÊNCIA MARINHA DE NOTÍCIAS, 2022)

A Faroleira é ex-aluna da UFPE/CAA, buscou luz na profissão após a graduação, foi logo aprovada no concurso para professora da rede estadual de ensino de Pernambuco onde atua nas turmas de ensino médio.

Recebeu este nome, pois de fato buscou a luz no meio das incertezas de como seria a profissão e tem ficado cada vez mais claro que escolheu o certo para a vida profissional, tendo se dedicado por demais nas suas atribuições, e iluminando a sua sala de aula através da sua delicadeza e proatividade.

Escrevente

Os escreventes desempenham um papel essencial na administração da Marinha, atuando como elo entre as diversas áreas, facilitando a comunicação e a execução de atividades administrativas, além de garantir a organização e a eficiência dos processos internos. (Brasil, 2020, n.p.)

Concluiu sua formação na UFPE/CAA e ali aperfeiçoou o que aprendeu com a mãe durante sua infância, inclusive se dedicando na sua integralidade a oportunidades voltadas a prática educacional, sendo estágio, PIBID e RP. Todavia, ao concluir a formação acadêmica, não conseguiu oportunidades para atuar como docente e continua na busca árdua de colocar em prática o que desenvolveu na Universidade.

Recebeu o nome de Escrevente, pois consegui associar várias áreas à Matemática, onde trabalha, mesmo em local diferente do que foi preparado, consegui ver um pouco do que aprendeu e isto é o motor que tem o impulsionado a continuar na tentativa de exercer a docência.

Maquinista

Na Armada Imperial, as máquinas foram introduzidas nos navios na primeira metade do século XIX, em consonância com a complexificação do trabalho, a partir da introdução dos navios híbridos, que podiam ser movidos por máquinas a vapor e por velas, demandando a necessidade de incluir novos agentes, com outros serviços e regulamentos. (Castro, 2017, p. 2, grifo nosso)

Atuante na profissão escolhida, maquinista vem se dedicando à docência desde antes do fim da graduação, atuando na rede municipal de educação da cidade de Sairé, focado especialmente no ensino fundamental 2, que é voltado aos anos finais, tem experienciado, juntamente com seus alunos, vivências extraordinárias, especialmente ao associar os jogos com seu fazer profissional.

Como um maquinista, tem juntado as peças, assim como em um quebra-cabeça, na busca por uma engrenagem que, verdadeiramente funcione. Tem visto na tecnologia uma possibilidade gigante para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem na sua sala de aula, porém os desafios da carreira são muito, mesmo assim mantém-se focado nos seus anseios.

Paioleiro

O paioleiro desempenha uma função vital na estrutura da Marinha, sendo responsável, não apenas pelo armazenamento de mantimentos, mas, também pela manutenção de munições e explosivos, é a garantia de que todos os procedimentos de segurança sejam seguidos rigorosamente. Sua atuação é fundamental para a eficácia das operações navais, pois assegura que os materiais bélicos estejam sempre prontos para uso, minimizando riscos e contribuindo para a segurança das tripulações e das embarcações. (Brasil, 2020, n. p. grifo nosso)

Ainda estudante da Licenciatura, mas já exercendo a docência, vê a profissão como uma área desafiadora, mas, ao mesmo tempo, gratificante, onde o mais importante não é a afeição do aluno, mas o quanto ele consegue de afeiçoar a matéria através do professor.

Assim como o profissional de paiol, ele busca armazenar todo o conhecimento adquirido na academia, como também, o que advém de outros setores que está inserido, e envolver seus estudantes no mundo matemática. Desta maneira, incluir a todos no conhecimento matemático.

Para além do supracitado, a presente pesquisa seguiu os princípios éticos estabelecidos na Resolução 466/12 ou 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. No que se refere aos riscos envolvidos, os participantes poderiam enfrentar cansaço ou aborrecimento ao responder aos questionários, sentir constrangimento ao se expor durante a coleta de narrativas, experienciar mudanças em sua autoestima devido à evocação de memórias e perceber alterações em sua visão de mundo, relacionamentos e comportamentos devido às reflexões realizadas.

Para mitigar esses riscos mencionados, adotamos uma abordagem humanizada na condução da pesquisa, permitindo que os entrevistados respondessem de acordo com sua própria comodidade e garantindo seu anonimato.

No que diz respeito aos benefícios, a pesquisa visou incentivar os participantes a refletirem sobre a profissão que escolheram e destacou os aspectos positivos da

jornada acadêmica, além de resgatar as contribuições de diversos autores no desenvolvimento de suas carreiras docentes individuais.

Quanto ao armazenamento dos dados coletados, sendo os questionários, gravações e desenhos obtidos durante esta pesquisa foram mantidos em posse dos autores em meio digital. A responsabilidade pela custódia desses materiais recai sobre o pesquisador Wyllyamis José de Assis, por um período mínimo de 5 anos.

4 MERGULHANDO NOS DEVÍRES

A cartografia da subjetividade é uma abordagem de pesquisa que visa mapear e compreender as experiências subjetivas dos sujeitos em relação a um determinado fenômeno. No nosso caso, referente ao seu devir docente, ou seja, sobre sua caminhada até à docência. A Cartografia é uma abordagem nas ciências humanas e sociais, que busca refletir sobre a subjetividade dos sujeitos. A análise de dados em uma pesquisa de cartografia geralmente envolve etapas específicas, sendo a principal a análise qualitativa. Sendo assim, nos utilizamos do desenho e de entrevista – via transcrição de áudio no google *meet* – para produzir os dados das experiências subjetivas dos pesquisados.

Após esta produção de dados, passamos à estruturação deles, organizando-os de acordo com o que desejávamos pesquisar, que foram os agenciamentos ocorridos na educação básica. Nesta análise buscamos relacionar as narrativas com a teoria da Filosofia da Diferença de modo a entender, ou refletir, sobre o devir de cada participante.

Cabe destacar que nossa análise teve foco central na Educação Matemática, logo os participantes foram questionados sobre a docência em Matemática. Além disso, descrevemos os dados, por meio de narrativas, na qual destacamos as principais descobertas em relação à cartografia, associando-as e observando as semelhanças entre as diversas subjetivações e agenciamentos dos participantes durante a educação básica.

Por fim, realizamos uma reflexão sobre tudo que foi visto, ouvido, capturado, pois a cartografia da subjetividade é uma abordagem flexível, e a descrição subjetiva pode ser adaptada com base nos dados observados. Logo, mantemos uma abordagem reflexiva e sensível ao contexto para capturar as nuances das experiências subjetivas dos participantes.

4.1 SAINDO DO PORTO

Quando falamos em navegação, devemos ter em mente que várias adversidades são possíveis, visto que se está em mar aberto e que tudo pode acontecer, desde uma simples mudança de direção de ventos até uma tempestade. Nossa pesquisa, por várias vezes, passou por adversidades, desde a aprovação no

CEP até a angústia e vontade de desistir, percalços estes que, algumas vezes, nos fez buscar rotas de fuga, ou seja, fugir do que deveríamos nos ater, que era a escrita. Isto se deu, pois havia mudanças de sentidos no decorrer da pesquisa, desde contextos pessoais, até dados não esperados nas entrevistas. Isto causou estranhamento, pois estávamos acostumados a trabalhar com outro tipo de metodologia e a cartografia se apresenta como algo novo e com peculiaridades e especificidades que nos agenciava, algumas vezes para longe da pesquisa.

Neste contexto, Deleuze e Guattari (1980, p. 25) dizem que "O agenciamento negativo é aquele que se opõe às estruturas de poder, permitindo a criação de novas formas de desejo e de resistência" E sim, resistimos, desejamos outras coisas, mas em determinado momento, mudamos a rota.

Tomando, então, a decisão de soltar as amarras das espias que estavam no porto e assim largar o nosso navio no mar, no concentramos no que a pesquisa pedia que era, escrever, assim, seguimos às narrativas.

4.2 DO MAR AO AR: AVIADOR

No traço de um desenho (Figura 2), Aviador capturou a imagem de uma pessoa pescando, uma metáfora de sua busca por uma direção na vida. A matemática, como um farol em meio à neblina da incerteza, surgiu como uma possibilidade intrigante. "Pô, matemática, então vou fazer para ver como é que é," pensou ele, lembrando-se de como suas aulas frequentemente começavam com matemática, física ou até química. Contudo, ao revisitar sua trajetória escolar, percebeu que a matemática era a área que realmente o cativava.

Decidido a se aprofundar nesse universo, Aviador se entregou à matemática, enxergando-a como uma âncora em um mar de confusões típicas da adolescência. Essa escolha não foi apenas uma decisão acadêmica, mas uma forma de se reencontrar em meio ao caos de sua juventude. Ele buscava entender mais sobre essa disciplina, que se tornara um ponto de referência em sua vida.

Refletindo sobre sua experiência na educação básica, Aviador evocou memórias vívidas de um tempo que, embora distante, ainda pulsava em sua mente. Ao ser questionado sobre os professores que deixaram marcas em sua trajetória, um sorriso iluminou seu rosto. Especialmente no último ano, as aulas ganharam leveza e envolvimento. O ambiente da sala de aula pulsava com debates e discussões, onde

ele e seus colegas se sentiam à vontade para expressar suas opiniões. Os professores de português, matemática e geografia eram figuras centrais nesse processo, sempre prontos para instigar o pensamento crítico e a curiosidade dos alunos.

Aviador destacou como essa interação não apenas facilitava o aprendizado, mas também cultivava um senso de comunidade entre os alunos. Ele recordou momentos em que a turma se reunia para discutir temas complexos, onde cada um contribuía com suas perspectivas. Era um espaço seguro, onde as ideias podiam fluir livremente, alimentando seu desejo de se engajar ainda mais nos estudos. Ele não conseguia recordar de experiências negativas significativas; para ele, esses professores eram verdadeiros guias, e a relação que desenvolveu com eles era marcada por respeito e admiração.

Entretanto, ao abordar sua experiência no programa residência pedagógica, o tom de Aviador se tornava mais sóbrio. Quando perguntado se essa fase havia contribuído para seu pensamento docente, ele respondeu com um leve desânimo. A experiência, que durou cerca de quatro meses, parecia mais uma repetição do estágio anterior, sem trazer novas perspectivas ou desafios que realmente o atraíssem. Para ele, o tempo ali não foi suficiente para aprofundar seu conhecimento ou despertar sua paixão pela docência.

Aviador reexplicou que, embora houvesse momentos de aprendizado, a experiência não teve o impacto transformador que ele esperava. Desejava que o programa residência tivesse sido mais enriquecedor, mas, ao contrário, parecia uma extensão do que já conhecia. Essa reflexão o levou a ponderar sobre o que realmente desejava para sua carreira futura. Apesar das boas lembranças da educação básica, ele sentia a necessidade de experiências mais significativas e impactantes para se sentir verdadeiramente inspirado a seguir o caminho da docência.

Assim, Aviador concluiu que a educação deve ser um espaço de constante evolução e descoberta. Ele anseia por oportunidades que desafiem suas ideias e ampliem seus horizontes, pois sabe que é nesse ambiente que poderá se tornar o educador que sempre sonhou ser. Em sua busca, Aviador procura não apenas transmitir conhecimento, mas também criar um espaço onde cada aluno possa se sentir valorizado e motivado a explorar suas próprias potencialidades. A matemática, então, se torna não apenas uma disciplina, mas um meio de transformação, uma

ferramenta para que todos possam pescar suas próprias direções na vida, mesmo ele não estando atuando na área, não estar navegando, mas voando em outro ambiente.

4.2.1 Ganhando asas

Aviador adentrou na Licenciatura em Matemática como um porto seguro, pois se encontrava sem um desejo pulsante por qualquer área. A Matemática foi a dispositivo encontrado por ele para buscar se encaixar, mesmo sem saber o que lhe esperava, adentrar num novo dispositivo era o maior desafio que enfrentaria. Ele buscou representar isso no seu desenho.

Figura 2 – Aviador



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Este dispositivo, na visão de Aviador, possuía a linha de força mais potente para capturá-lo, sendo isto que o fez. Assim, podemos entender que o dispositivo não é apenas um conjunto de práticas ou instituições, mas uma rede de relações que captura o sujeito, moldando seus desejos e suas ações dentro de um campo de forças.

Deleuze (2000, p. 157) nos diz que “O dispositivo é uma rede de relações que captura o sujeito, moldando suas práticas e seus modos de ser. Ele não se limita a instituições, mas abrange práticas, discursos e saberes que interagem para produzir efeitos sobre a subjetividade.” Foi neste contexto que Aviador se apegou, mesmo inconscientemente, havia sido agenciado para a Matemática, isto se deu através das atitudes de seus professores, como conseguimos observar nos dados da entrevista.

Neste sentido, os dispositivos operam em diferentes esferas da vida social, influenciando a maneira como os indivíduos se percebem e se comportam. Assim, a captura do sujeito não é apenas uma questão de controle, mas também de produção de subjetividades, onde as relações sociais e culturais desempenham um papel fundamental na formação da identidade e da experiência individual, a multiplicidade e singularidade do sujeito.

Havia no mar que Aviador pescava várias opções, mas as atitudes dos professores de exatas, em especial, Matemática e Física, eram pulsantes e fortes no seu introspecto. Deste modo passou a pensar qual iria estudar, e a Matemática se sobressaiu. E isto é muito marcante, dado o fato da repulsa pela disciplina por parte de muitos da sociedade. A imagem que surge é que, de fato, as aulas vivenciadas por Aviador foram marcantes e estavam muito vividas em sua mente.

Isto é algo interessante, pois segundo Montessori (2001), a matemática é uma disciplina que, por sua natureza abstrata, pode ser percebida como uma forma de opressão para aqueles que buscam a concretude da experiência. Kant (1990) também reflete que a matemática, em sua rigidez e abstração, frequentemente causa repulsa naqueles que buscam sentido nas experiências concretas da vida. Percebemos pensamentos parecidos entre os autores e de fato conseguimos vislumbrar isto na sala de aula.

Entretanto não foi o caso de Aviador que usou o que observou em sala de aula para adentrar na licenciatura. Ali pôde observar um pouco mais do que era ser docente, se aprofundar no conhecimento matemático.

Todavia, existem agenciamentos que podem capturar e aqueles que afastam, nisto a rota de fuga se sobressai. A prática docente não foi como Aviador esperava, mesmo tendo sido agenciado no ensino médio para esta profissão, quando começou a exercer em caráter de estágio, PIBID e RP, em especial este último, não foi como ele esperava, pois mais o afastou, mesmo tendo momentos de aprendizado, não o capturou. Este agenciamento negativo, segundo Deleuze e Guattari (1995) se refere à ideia de que certos processos sociais, políticos e psicológicos podem operar por meio da negação, resistência ou subversão, em vez de simplesmente afirmar ou construir.

Neste sentido, podemos nos aprofundar no agenciamento negativo, onde os processos acima citados operam isto segundo Deleuze e Guattari (1995), sendo a resistência o tipo de agenciamento negativo que envolve a resistência a sistemas de

controle, normas e estruturas estabelecidas; já a subversão diz que em vez de aceitar passivamente as imposições, o agenciamento negativo busca desestabilizar e questionar essas imposições; o potencial criativo embora associado à negação, o agenciamento negativo pode criar novas possibilidades e formas de ser; o processo coletivo afirma que muitas vezes, esse agenciamento ocorre em contextos coletivos, onde grupos se reúnem para desafiar estruturas opressivas.

No caso do agenciamento negativo em Aviador, o Potencial Criativo se destaca, visto que foi através disto que novas possibilidades surgiram no seu devir profissional. Foi no ambiente de sala de aula – agora como docente, mesmo em caráter de estágio – que Aviador passou a vislumbrar novos ares, algo que ele fez após a graduação, não descartando um dia adentrar no contexto docente.

Deleuze e Guattari (1995) nos dizem que a produção de novos agenciamentos é sempre uma questão de invenção e criatividade. E foi isto que ocorreu com o sujeito em questão. Vislumbrou um novo dispositivo para se inserir.

4.3 O MAR DA PAIXÃO PREVALECE: MERGULHADORA

Mergulhadora constrói sua trajetória rumo à licenciatura em matemática, um caminho que se inicia em sua infância, onde a brincadeira de escolinha a transformava em professora, não apenas de colegas, mas também de suas bonecas. Essas primeiras experiências, como pequenas âncoras em sua memória, despertaram um gosto profundo pelo ato de ensinar, abrangendo diversas áreas do conhecimento, mas, com o tempo, a matemática emergiu como seu porto seguro.

À medida que avançava na escola, Mergulhadora começou a se identificar mais com a matemática, sentindo-se realizada ao ajudar colegas em dificuldades. Essa interação não era apenas um ato de solidariedade, mas uma manifestação de sua própria essência. No entanto, a escolha do futuro se tornava um mar de incertezas ao chegar ao ensino médio, onde cinco opções de cursos a aguardavam. A decisão de optar pela matemática não foi simples; foi influenciada por seu amor pela disciplina e pela oportunidade de acessar um curso de qualidade em uma universidade pública.

A matemática sempre se destacou em sua lista de prioridades, tanto em Caruaru quanto em Recife. Embora seus interesses se estendessem a áreas como design gráfico, gastronomia e psicologia, a matemática prevaleceu, como um farol que guiava sua navegação.

Entre as referências que moldaram sua visão da docência, Mergulhadora destaca um professor de história que a inspirou durante o ensino fundamental. Este educador tornava as aulas interativas e envolventes, acendendo em Mergulhadora o desejo de replicar essa abordagem em sua própria prática. As experiências acumuladas com diferentes professores ao longo de sua formação contribuíram para a construção de sua identidade docente.

A residência pedagógica, embora marcada pelos desafios da pandemia, ofereceu a Mergulhadora uma oportunidade de reflexão. A falta de interação presencial transformou as aulas remotas em experiências monótonas, mas ela buscou sempre enxergar o lado positivo, reconhecendo que mesmo nas dificuldades, havia lições a serem aprendidas.

Durante a graduação, sua participação em monitorias e seminários despertou ainda mais sua vontade de inovar. A monotonia de algumas aulas a levou a refletir sobre como poderia tornar o aprendizado mais dinâmico e eficaz. Essa busca incessante por inovação tornou-se um aspecto central de sua filosofia de ensino, onde o engajamento ativo dos alunos é fundamental.

Atualmente, Mergulhadora navega em um momento de transição, entre a formação acadêmica e a prática docente. Embora ainda não tenha atuado formalmente como professora de matemática, suas experiências de ensino em contextos diversos, como aulas em um ônibus adaptado, lhe proporcionaram uma perspectiva única. Essa vivência a ajudou a compreender a importância de adaptar o conteúdo às realidades distintas de seus alunos.

Refletindo sobre os desafios da profissão, Mergulhadora pondera sobre a falta de valorização e a dificuldade em gerenciar imprevistos em sala de aula. Esses fatores a fazem questionar sua escolha, mas sua paixão pela matemática e o desejo de ensinar continuam a guiá-la, como estrelas em um céu noturno.

A formação continuada é uma prioridade para Mergulhadora. Ela acredita que, para ser uma boa educadora, é essencial estar sempre atualizada e aberta a novas metodologias. O uso de tecnologias educacionais a fascina, pois considera que essas ferramentas podem tornar a matemática mais acessível e interessante, como ventos favoráveis que impulsionam sua navegação.

Além disso, Mergulhadora enfatiza a importância de criar um ambiente de aprendizado acolhedor e inclusivo. Reconhecendo que cada aluno possui um ritmo e uma forma de aprender distintos, ela busca respeitar essas individualidades.

Promover um espaço seguro para que os alunos expressem suas dúvidas é fundamental para que se sintam à vontade para explorar a matemática sem receios.

Por fim, a decisão de Mergulhadora de se tornar professora é um mosaico de influências e experiências que se acumularam ao longo de sua vida. Embora não haja uma única referência, sua jornada é marcada por um amor genuíno pelo ensino e pela matemática, que a impulsionam a buscar oportunidades para fazer a diferença na vida de seus futuros alunos.

4.3.1 No mar profundo

Lembrar da infância é um processo que mesmo involuntariamente, é um ato que realizamos constantemente. No caso de Mergulhadora o desenho retrata o início do seu devir docente, quando no brincar ela já atuava ministrando aulas para suas bonecas.

Figura 3 – Mergulhadora



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Sabedores que estamos inseridos em vários dispositivos e que cada um exerce uma força distinta e forte o suficiente para aproximar ou nos afastar de algo, começamos a entender o contexto de Mergulhadora. A dificuldade em saber que área deveria seguir foi fator preponderante para revisitar o passado e se apegar naquilo que mais se identificava.

A escolha de um curso superior é um dos desafios mais complexos da juventude, onde a pressão externa se entrelaça com a busca interna por identidade.

É um momento de incerteza, onde o futuro se apresenta como um labirinto de possibilidades, e cada decisão pode parecer um passo em direção ao desconhecido.

Esta incerteza vivenciada por Mergulhadora a fez lembrar-se de quando brincava de escolinha, quando pegava suas bonecas e estas eram os alunos, algo muito vivido na sua memória. Corsini (2010, p. 87) diz que "Brincar de professor é uma forma de a criança se apropriar do conhecimento, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades sociais e cognitivas". Além disso, Kishimoto (2002, p. 34). Afirma que "Brincar de ensinar é uma maneira pela qual as crianças experimentam o papel do educador, promovendo a construção de conhecimentos e a interação social". Essa interação, com bonecas e colegas que foram vivenciadas por Mergulhadora foram linhas de força que se realçaram na sua decisão pela docência.

Neste contexto, é imperativo falar sobre agenciamento, pois Mergulhadora foi agenciada pelo dispositivo brincadeira, sendo capturada para o meio docente ainda criança, mas o passar do tempo tendo a nos apresentar outros campos, tornando nossas decisões mais complexas.

O desenho no qual Mergulhadora retrata seu devir docente é bem significativo, e representa muito bem o seu começo no papel de professora, sua sala de aula repleta de brinquedos que aprendem o que ela estava disposta a ensinar, essa lembra a fez largar os outros anseios e adentrar na academia para ser professora, passo muito importante para uma jovem recém concluinte do ensino médio, assim como tantos jovens o tem feito, decisões importantes para os seus futuros.

Serafim (2020) reflete que,

O ensino médio é um período de grandes mudanças e escolhas constantes por parte dos alunos, trazendo por si inúmeros desafios e cobranças, os alunos do terceiro ano do ensino médio tendem a se cobrar sobre qual carreira devem seguir e qual curso pretendem prestar vestibular, essa decisão é um passo de maior importância quanto a futura carreira de trabalho dos mesmos, essa escolha tem deixado muitos estudantes preocupados. (Serafim, 2020, p. 8)

Neste contexto, o fato de ter tido um professor que transformasse suas aulas em momentos que captavam a atenção de Mergulhadora, foi essencial na sua escolha, pois a mesma passou a querer replicar aquilo que via nas suas aulas. Mesmo diante de tantas incertezas, encontrar um ambiente seguro que fora proporcionado por aquele professor exerceu um papel importante na escolha de Mergulhadora.

Vale destacar que, ao passo que entrou na graduação, ela passou por mais momentos nos quais a fez analisar a prática docente, desde os momentos em monitorias, estágios, mas, sobretudo no RP, pois – em meio a pandemia da COVID-19 – ela pôde observar as dificuldades que poderiam surgir e já começou a imaginar como seria para resolver tais problemas no contexto da sala de aula.

Os imprevistos numa sala de aula são diversos, isso foi possível ser observado por Mergulhadora, mesmo num RP remoto, e ela começou a aprender a lidar com isso. Algo que foi de suma importância para continuar sua formação.

E numa aula temos também os imprevistos, o que não foi planejado, e muitas vezes não é desejado nem desejável. O que emerge, o que é contingente, o que simplesmente “acontece”, e temos que lidar com isso. O professor inicia a aula com um planejamento prévio, alguns objetivos de ensino, certos conteúdos selecionados. Se este planejamento for algo sólido, com atividades definidas, conteúdos claros, conexões com outras disciplinas bem articuladas, modos de avaliação das aprendizagens bem fixados, oportunizando aprendizagens significativas, ele terá mais chances de ser executado do início ao fim mais ou menos como foi previsto. Se o professor entra na aula com um planejamento frouxo, excessivamente centrado em uma única estratégia (do tipo cópia de matérias no quadro negro), ele poderá naufragar com mais facilidade, ou ser executado de modo mecânico, sem oportunizar alguma aprendizagem. Toda aula comporta imprevistos, e dilemas, para decidir se vale a pena seguir na direção apontada pelo imprevisto, ou se vale a pena insistir no que foi planejado anteriormente. Há professores que se apegam a seu planejamento, e não aceitam qualquer variação, precisam “dar a matéria”, têm que “seguir o conteúdo”. Há aqueles que aproveitam toda pergunta e qualquer questionamento dos alunos para enveredar pela discussão de outros temas, não planejados para aquela aula. Difícil saber qual caminho tomar, pensando que as decisões têm que ser rápidas, na hora em que o imprevisto se apresenta, e que os contextos são muito diversos. (Barroso et al, 2010, p. 217)

Neste sentido, poderíamos imaginar que estes fatores afastariam Mergulhadora do ser professora, mas pelo contrário, estes ocorridos a agenciaram um pouco mais para o mundo docente a fazendo mergulhar mais fundo no oceano da educação. Estes desafios foram cruciais para manter o foco no seu desejo.

Portanto, podemos inferir que foram diversos os agenciamentos que Mergulhadora passou, desde o seu brincar, passando pelo seu professor de História e chegando as atividades práticas na Universidade que a agenciaram a seguir a carreira docente, mas em especial, sua brincadeira, que podemos dizer que já eram reflexos do que ela via seus professores fazerem, foi o trampolim para enveredar pela docência e assim se tornar professora, tanto é que a mesma mantém-se focada na formação

continuada para alavancar sua pratica docente, continuando, assim, a construção do seu devir docente.

4.4 CUIDANDO PARA NÃO ENCALHAR: FAROLEIRA

Faroleira sempre navegou por águas de incerteza até encontrar seu rumo na licenciatura em Matemática. Desde o início de sua trajetória, a clareza sobre o futuro não era um farol visível, mas a paixão pela matemática sempre foi uma bússola, guiando seus passos. Em um desenho que expressou seus sentimentos, ela capturou suas dúvidas e anseios, revelando um forte desejo de se formar e realizar algo significativo na vida.

No desenho, a matemática aparecia como uma nuvem de ideias que a acompanhava, simbolizando não apenas seu amor pela disciplina, mas também a pressão familiar para alcançar um futuro acadêmico. Faroleira percebeu que era uma das pioneiras em sua família a buscar uma formação superior, o que intensificou sua determinação em conquistar seu espaço no mundo acadêmico. Essa pressão, embora desafiadora, tornou-se um motor que a impulsionou a abrir caminhos para as futuras gerações.

A escolha pelo curso de Matemática foi como um salto no desconhecido. Ao inscrever-se no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Faroleira ficou surpresa ao ser aprovada no curso que tanto desejava. Essa decisão foi motivada pelo desejo de se dedicar a algo que realmente a encantava, mesmo sem saber o que esperar. Com o tempo, sua afinidade pela matemática e pela docência se solidificou, revelando a importância de se tornar uma educadora capaz de inspirar outros.

Entre suas referências, a figura de sua tia, uma professora dedicada, destacou-se. Desde a infância, Faroleira observou a paixão da tia e o impacto que sua profissão tinha na vida das pessoas. A dedicação da tia tornou-se um exemplo claro do que significa ser um educador comprometido. As histórias que a tia contava sobre seus alunos e os esforços para fazer a diferença foram marcos na formação de Faroleira, que também teve outros educadores fundamentais durante o ensino básico e na universidade.

As dificuldades iniciais com a matemática foram desafios que Faroleira enfrentou. Quando criança, compreender a disciplina era uma tarefa árdua. Sua tia, sempre presente, desempenhou um papel crucial nesse processo. Com paciência e

dedicação, ela ajudou Faroleira a superar suas dificuldades, especialmente em conceitos como divisão. Essa experiência não apenas lhe conferiu confiança, mas também a fez perceber a beleza da profissão docente, destacando o valor de um educador que se importa genuinamente com o progresso de seus alunos.

Durante sua formação, a residência pedagógica teve um impacto significativo em sua percepção sobre a docência. Embora a pandemia tenha dificultado a realização de estágios presenciais, a residência ofereceu valiosas oportunidades de interação com alunos e aplicação do conhecimento teórico. Essa vivência prática foi essencial para consolidar seu desejo de ser professora e para desenvolver suas ideias sobre o ensino de matemática. A experiência ajudou Faroleira a compreender melhor a dinâmica da sala de aula e a importância de adaptar os métodos de ensino às necessidades dos alunos.

Ao longo do curso, Faroleira frequentemente se questionava sobre sua escolha, mas a experiência na residência trouxe clareza. A interação com os alunos e a vivência no ambiente escolar aumentaram seu entusiasmo pela docência. Faroleira percebeu que a educação é uma profissão desafiadora, mas também extremamente gratificante, e essa percepção a motivou ainda mais. Ao observar os alunos se engajando e aprendendo, ela sentiu que estava navegando na direção certa, com um propósito claro.

Refletindo sobre sua visão da docência, Faroleira reconhece os desafios enfrentados pelos educadores. Apesar da beleza da profissão, existem obstáculos como a desvalorização e a pressão por resultados. No entanto, ela vê a importância do papel que os professores desempenham na vida dos alunos, muitas vezes se tornando uma segunda família. Essa dualidade entre dificuldades e recompensas é algo que Faroleira considera crucial em sua formação como educadora. Ela acredita que, apesar dos desafios, o impacto positivo que um professor pode ter na vida de um aluno é inestimável.

Além disso, Faroleira enfatiza a necessidade de um ambiente de aprendizado acolhedor e inclusivo. Ela acredita que todos os alunos têm potencial para aprender e que, como educadora, seu papel é identificar as necessidades individuais de cada um e adaptar suas estratégias de ensino. Essa visão inclusiva reflete suas próprias experiências como aluna, onde sentiu a diferença que um professor atento e dedicado pode fazer. Faroleira se compromete a criar um espaço onde todos se sintam valorizados e motivados a aprender.

Por fim, Faroleira mantém uma perspectiva otimista sobre sua carreira. Apesar dos desafios, ela vê a docência como uma profissão capaz de fazer uma diferença significativa na vida dos alunos. Com base em suas experiências e referências, Faroleira está determinada a seguir seu caminho na educação, contribuindo para a formação de novos estudantes e inspirando-os a amar a matemática assim como ela.

Cada passo em sua jornada até aqui moldou sua identidade como professora. Animada para enfrentar os desafios que virão, Faroleira está pronta para fazer a diferença na vida de seus alunos, inspirando-os a superar suas dificuldades e a acreditar em seu potencial.

4.4.1 A Luz

A expressão de Faroleira no desenho feito nos mostra que a mesma possuía o desejo intrínseco em obter uma formação superior, mas também o amor que tinha pelos números, sendo assim, associar estes dois anseios era a maior vontade de Faroleira, algo que pode ser evidenciado durante toda a entrevista.

Figura 4 – Faroleira



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

No que diz respeito a este desejo intrínseco que surgiu em um sujeito, Rolnik (2011) diz,

O movimento do desejo – ao mesmo tempo é indissociavelmente energético (produção de intensidades) e semiótico (produção de sentidos) – surge dos agenciamentos que fazem os corpos, em sua qualidade de vibráteis: o desejo só funciona em agenciamento. (p. 37)

Quando podemos observar na nossa família alguém que nos inspira podemos dizer que é muito gratificante. Ter entre os seus, um exemplo profissional vem a ser algo mais marcante, pois através deste exemplo é possível utilizar as técnicas ora utilizadas no seu fazer profissional. Foi isto que Faroleira fez. Sua tia, mesmo com o magistério, sem uma formação superior, falando da profissão com amor e dedicação, serviram como motor para a escolha em ser professora.

Neste contexto, é possível verificar que o dispositivo família foi primordial para a escolha de Faroleira, visto que foi na observação de como agia sua tia que o seu desejo foi alavancado. Neste sentido, Carrano (2015) diz que,

O dispositivo família atua como um elemento fundamental na construção da identidade do docente, influenciando suas práticas e sua forma de ver o mundo. A relação entre o professor e sua família molda não apenas suas crenças e valores, mas também suas expectativas e modos de agir em sala de aula. Ao se tornar docente, o sujeito não apenas incorpora saberes acadêmicos, mas também traz consigo as experiências e as dinâmicas familiares, que se entrelaçam ao seu dever profissional. Essa intersecção entre vida pessoal e prática docente é crucial para entender como os professores se posicionam frente aos desafios da educação. (Carrano, 2015, p. 92)

Desejar pode ser entendido como algo que agencia, ou seja, algo que sequestra. Mas, falar de desejo no contexto atual é um desafio, pois estamos inseridos num mundo líquido, onde o tudo é fluido, o que se gosta hoje, não necessariamente é o que irei gostar amanhã. Isto pode ser compreendido, inicialmente, pelo contexto tecnológico atual. As redes sociais estão no ápice, inclusive com a oportunidade de conseguir renda através do trabalho na internet, logo, tornando-se muito atrativo à juventude.

Portanto, mesmo neste dispositivo, agenciar no ambiente da sala de aula é motivo de estudo, dado o fato de ser visto, atualmente, como um local hostil, que não agrada ou até que não traz resultado, isto na visão de muitos estudantes.

Deleuze (1998) afirma que,

A escola é um espaço onde se exercem formas de controle que podem se tornar hostis, sufocando a criatividade e a liberdade dos alunos. Nesse ambiente, o aprendizado muitas vezes é reduzido a um processo de conformação, onde a diferença é desvalorizada e a diversidade é vista como uma ameaça. (p. 45)

Faroleira observou este mundo de modo diferente, quis experienciar este contexto, mesmo com medo do que lhe esperava, mesmo sem ter a certeza se era isso que queria para sua vida profissional, mas o amor que sua tia demonstrava falou mais alto e de fato, serviu como o farol para iluminar sua escolha. Vale destacar que Faroleira não tinha da tia apenas as histórias da sala de aula, também a teve como professora de reforço, especialmente quando se falava em divisão, que era algo que tinha muita dificuldade, portanto conseguiu ver a paixão da tia de perto, ela experienciou, como nos diz Pacheco (2017),

Experienciar é um processo que vai além da simples vivência de eventos. Envolve a construção de significados a partir das interações que temos com o mundo ao nosso redor. Quando nos permitimos experienciar, estamos abertos a novas percepções e interpretações, o que enriquece nossa compreensão da realidade. Este processo é fundamental na educação, pois promove um aprendizado que não se limita à memorização de conteúdos, mas que se aprofunda na reflexão crítica e na aplicação prática do conhecimento. Assim, a experiência se torna um elemento central na formação do sujeito, pois é através dela que construímos nossa identidade e nossas relações sociais. (Pacheco, 2017, p. 134).

Tudo isso foi à combustão necessária para a decisão, mas era necessária uma maior vivência no ambiente escolar, logo o programa RP era a oportunidade de vivenciar este mundo. Já no meio acadêmico a participação no RP foi de suma importância e imprescindível para reafirmar que a escolha foi a correta. Passou a pôr em prática o que havia observado na tia, replicando dela o fazer profissional, adicionado a teoria vista na academia, o devir docente de Faroleira era agregado, como dito anteriormente, somos cacos, e um destes é a licenciatura, indo adiante, somos colcha de retalhos, cada dispositivo costura em nós um pequeno retalho, nos tornando singulares, únicos, mas, também, múltiplos.

Após todos estes desafios e escolhas, a atuação na sala de aula trouxe traços de todas as subjetivações e agenciamentos vivenciados por Faroleira durante sua vida. É válido salientar que, durante o devir docente de Faroleira, surgiram rotas de fuga que poderiam ter desviando-a do caminho desejado, pois novos desejos surgiam, agenciavam, entretanto, a vontade de estar no ambiente docente se sobressaiu. Nisto, Silva (2016, p. 78) nos diz que "As rotas de fuga não são apenas saídas, mas sim processos de criação que permitem a constituição de novos espaços de liberdade e resistência, onde se pode experimentar outras formas de ser e de viver."

4.5 MANTENDO A HISTÓRIA VISTA EM CASA: ESCREVENTE

Escrevente traça sua trajetória rumo à docência, um percurso que se entrelaça com a influência marcante de sua mãe, também professora de matemática. Desde a infância, Escrevente foi imerso em um ambiente educacional que moldou suas aspirações. Lembra-se com carinho dos momentos em que, após as aulas, ele e seu irmão aguardavam a chegada da mãe na sala de aula, observando-a interagir com os alunos. Essa memória, como guia em um mar de incertezas, alimenta seu interesse pela educação e o inspiram a considerar a docência como rota de navegação em sua vida.

O desenho que Escrevente criou simboliza essa conexão intrínseca com o universo educacional. Mesmo criança, ficou fascinado ao ver sua mãe explicar conceitos e ajudar os alunos a compreender a matemática. Essa vivência foi um dos principais motores que despertaram nele o desejo de se tornar professor um dia. A figura materna ergue-se como um modelo de dedicação e paixão o mantendo firme em sua busca.

Atualmente, Escrevente ainda não exerce a profissão, mas seu desejo de lecionar permanece pulsante. Trabalhando em uma loja com sua irmã, ele observa as correntes da vida fluírem, enquanto mantém acesa a chama de sua aspiração. Embora tenha se aventurado em alguns concursos, ainda busca o porto seguro da sala de aula. Contudo, sua determinação em encontrar oportunidades para retornar à educação é um testemunho de que essa aspiração não se apagou.

Além da influência materna, Escrevente reconhece as experiências que enriqueceram sua formação. O Residência Pedagógica e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) emergem como marcos em sua jornada. Apesar dos desafios impostos pela pandemia, ele acredita que essas vivências foram valiosas. Mesmo em um formato remoto, sentiu a diferença que seu trabalho fez na vida dos alunos. A interação, mesmo à distância, possibilitou que ele aplicasse a teoria e visse o impacto de suas ações, como ondas que reverberam na costa.

Refletindo sobre possíveis desestimulações, Escrevente percebe que, até o momento, não houve experiências negativas que o fizessem desistir. A paixão pela educação e a influência positiva de sua mãe sempre foram mais fortes que qualquer tempestade. Ele valoriza a experiência acumulada ao longo de sua formação e as interações com educadores e alunos, que reforçam seu desejo de lecionar.

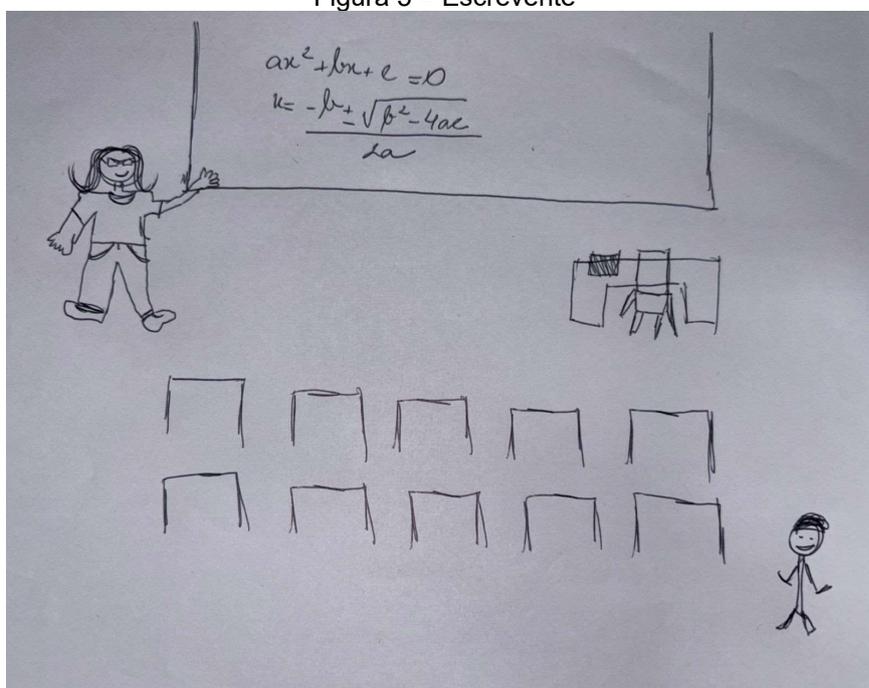
O Residência Pedagógica e o PIBID foram essenciais para sua formação, proporcionando práticas que complementaram a teoria. Essas vivências ajudaram Escrevente a entender melhor a dinâmica da sala de aula e a importância do papel do educador. Ele desenvolveu uma visão mais ampla sobre a docência, reconhecendo tanto os desafios quanto as recompensas que a profissão oferece.

Ao olhar para o horizonte, Escrevente está decidido a seguir seu caminho na educação. Planeja continuar seus estudos, incluindo a possibilidade de um mestrado, permanecendo atento às oportunidades que possam surgir para retomar sua carreira docente.

4.5.1 Escrevendo a sua história

Ver sua mãe ministrando aulas era o que deixava Escrevente encantado, de tal forma que retratar isto no seu desenho e falar a respeito o fazia pulsar, tal efeito causado por aquelas cenas o capturou de tal forma que não havia escapatória, havia sido agenciado.

Figura 5 – Escrevente



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Para compreender a fala de Escrevente a respeito do seu devir docente é necessário falar sobre a influência familiar em sua vida, pois é perceptível na sua fala

que o fator preponderante para a escolha da profissão docente foi a percepção que ele tinha de sua mãe. Almeida e Melo-Silva (2011, p. 81) afirmam que “O meio familiar é o grande facilitador da exploração e do investimento vocacional dos filhos, sendo que pais e filhos devem se envolverem ações conjuntas, por meio de processos direcionados ao alcance de objetivos.”

Almeida e Magalhães (2011) afirmam que,

Se, em tempos passados, a profissão da pessoa era definida, inevitavelmente, pela família na qual nascia, não havendo alternativas de escolha, hoje, apesar de o ideário de liberdade de escolha existente na sociedade contemporânea, o jovem ainda se encontra vinculado às influências familiares e aos conteúdos transmitidos através das gerações. Desta forma, pode-se dizer que a transmissão da profissão na contemporaneidade existe, porém não enraizada em um espaço concreto, como se dava no passado, quando as terras ou o estabelecimento de trabalho eram necessariamente passados de pai para filho. Consideramos que ela se dá de forma mais fluida, ela se espalha de modo subliminar, engendrando escolhas aparentemente livres e individuais, ancoradas em lealdades invisíveis que perpassam as expectativas familiares, consciente ou inconscientemente. (Almeida; Magalhães, 2011, p. 212)

Neste sentido, podemos perceber que a influência familiar é um forte elo na escolha profissional. Podemos associar esta fala com a definição de dispositivo, neste caso o dispositivo família. “Toda forma de organização afeta diretamente aqueles que estão fazendo parte dela. Em qualquer ambiente nós somos regidos por normas, regras e padrões que definem nossa forma de comportar, de agir e até mesmo de pensar” (Saraiva, 2017, p. 243). Além disso, Romagnoli (2003b) fala

Independentemente de seu tamanho e de sua formação, as famílias funcionam como receptoras, enunciadoras e interceptadoras de fluxos variados, constituindo aglomerações percorridas por intensidades. Espaço heterogêneo, meio de subjetividades em formação, abalado a todo instante por fluxos que o atravessam. Devir casal, devir pai, devir mãe, devir filho, ponto de partida para a produção de fluxos, ponto de chegada para o acolhimento de fluxos, ponto de interceptação de vários fluxos que o percorrem. Complexidade de encontros, passagens, agenciamentos, represamentos, obstruções. (Romagnoli, 2003b, p. 41).

A escolha da profissão docente pode ser profundamente associada à dinâmica familiar descrita anteriormente. As famílias, como espaços heterogêneos e receptores de fluxos variados, desempenham um papel fundamental na formação da identidade e nas escolhas profissionais dos indivíduos, especialmente no que se refere à docência. Elas transmitem valores, crenças e expectativas que moldam as aspirações

dos filhos, influenciando a maneira como percebem a educação e o papel do professor na sociedade.

Assim, a educação não é apenas um ato de transmissão de conhecimento, mas um espaço onde as diferenças se encontram e se transformam, Escrevente foi moldado pelas experiências familiares, essencialmente da sua mãe, que o ensinou a ver o mundo através de múltiplas perspectivas.

O devir de Escrevente poderia ter seguindo outro caminho, pois “A potência da produção, da criação só é possível por meio de interações.” (Saraiva, 2017, p. 250), logo se infere que a mãe de Escrevente, diga-se, suas atitudes e ações em sala de aula, o agenciaram a enveredar à licenciatura.

Mas, mesmo sendo um dos principais fatores, ao ingressar na Academia, Escrevente foi mais uma vez agenciado, desta vez quando passou a prática docente no RP e PIBID. Ali pôde entender a docência do outro lado, agora como profissional da educação, mesmo diante de um ensino remoto. Foi neste contexto que ele teve a certeza da sua escolha, visto que começou a colocar em prática o que via a mãe fazer em sala de aula, mesmo diante da estrutura das atividades executadas.

As práticas pedagógicas se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo. Ou seja, as práticas pedagógicas se organizam e se desenvolvem por adesão, por negociação, ou, ainda, por imposição. (Franco, 2016, p. 541)

Existiam muitas atribuições que eram inerentes do RP e PIBID, nas quais Escrevente deveria se adequar, todavia, não foram empecilhos para atuar da maneira que desejava, algo que foi por ele pontuado.

Portanto, podemos perceber que o principal agenciamento vivenciado por escrevente foi, sim, sua mãe-professora, mas a vivência em sala de aulas na prática, durante o RP, foi essencial para efetivar sua escolha.

Ademais, após concluir a Licenciatura, estar longe do ambiente da Educação não o afastou por inteiro, visto que continua na busca por efetivação na profissão, pois esta já está atrelada no seu rizoma.

4.6 COLOCANDO AS PEÇAS NO LUGAR: MAQUINISTA

Maquinista sempre sentiu que a matemática pulsava em seu interior, uma linguagem que lhe oferecia a chance de explorar o mundo de maneiras que outros não viam. Desde os primeiros anos de sua vida escolar, ele se destacou na disciplina, como se cada equação fosse uma peça de um quebra-cabeça que o ajudava a entender a complexidade da existência. Essa afinidade natural o levou a se tornar monitor de matemática durante o ensino médio, um papel que não apenas solidificou seu amor pela matéria, mas também o lançou em uma nova dimensão de aprendizado: à docência.

A escolha pela licenciatura em Matemática não foi um ato impulsivo, mas um desdobramento de suas experiências e reflexões. Desde o primeiro ano do ensino médio, Maquinista já demonstrava um gosto especial pela matemática, que se manifestava não apenas em suas notas, mas na maneira como ele se envolvia com os conceitos. Durante os três anos em que atuou como monitor, a sala de aula se transformou em um espaço vibrante de troca e descoberta. Ali, ele não apenas lecionava, mas também se tornava parte de uma rede de relações que desafiavam e ampliavam seu entendimento sobre o que significava ser educador.

Maquinista sentia que a monitoria era mais do que um simples apoio aos colegas; era uma experiência transformadora que o moldava em um educador em potencial. Ele se lembrava das dificuldades enfrentadas por seus colegas, muitos dos quais lutavam para se conectar com a matemática. Quando o professor o convidou a se tornar monitor, Maquinista viu essa oportunidade como um reconhecimento de sua habilidade, mas também como um chamado para ajudar outros a navegar pelas águas turbulentas da aprendizagem. Cada vez que ajudava um colega a superar um obstáculo, Maquinista sentia que estava, de certa forma, ajudando a criar um espaço onde a matemática não era apenas uma disciplina, mas uma ferramenta de emancipação.

Entre os professores que marcaram sua trajetória, Maquinista destacava a professora da universidade, uma figura que se tornou um pilar em sua formação. Tal professora não era apenas uma transmissora de conhecimento; ela era uma mentora que acreditava no potencial de seus alunos. O vínculo que Maquinista construiu com ela foi fundamental, pois ele percebeu que a educação vai além da mera instrução: trata-se de cultivar relações que nutrem a curiosidade e a criatividade.

Maquinista refletia sobre as práticas pedagógicas que vislumbrou ao longo do tempo, reconhecendo que a didática não deveria ser uma mera repetição de fórmulas, mas sim um convite à exploração. Ele se lembrava de como iniciava suas aulas com perguntas provocativas, desafiando seus colegas a conectar seus conhecimentos prévios com novos conceitos. Essa abordagem, que aprendeu com seu professor do ensino médio, era uma maneira de romper com a linearidade do ensino tradicional, criando um espaço onde a curiosidade e a dúvida podiam florescer.

A importância de incorporar jogos e experimentos em suas aulas também era uma convicção firme de Maquinista. Ele via essas atividades como janelas para um aprendizado mais significativo, onde a matemática se tornava viva e palpável. Inspirado por suas experiências passadas, Maquinista buscava criar um ambiente dinâmico, onde cada aluno pudesse se sentir parte de um processo coletivo de descoberta. Essa visão refletia sua crença de que a educação deve ser um espaço de constante evolução, onde cada voz é valorizada e cada ideia, explorada.

A influência de seus professores era um tema recorrente em sua reflexão. Maquinista sentia-se afortunado por ter encontrado educadores que não apenas dominavam suas disciplinas, mas que se preocupavam com o desenvolvimento integral de seus alunos. Essa preocupação se manifestava em sua própria abordagem de ensino: ele não queria apenas transmitir conhecimento, mas formar cidadãos críticos e conscientes. Para Maquinista, a educação era uma ferramenta de transformação social, um meio de empoderar os alunos a questionarem, a refletirem e a agirem no mundo.

Ao encarar o futuro, Maquinista se sentia preparado e animado para os desafios da docência. Ele sabia que a educação exigiria dele dedicação, paciência e uma dose generosa de criatividade. Com o amor pela matemática como motor, Maquinista estava determinado a se tornar um educador que não apenas ensinasse, mas que também inspirasse seus alunos a verem a matemática como uma linguagem de possibilidades infinitas.

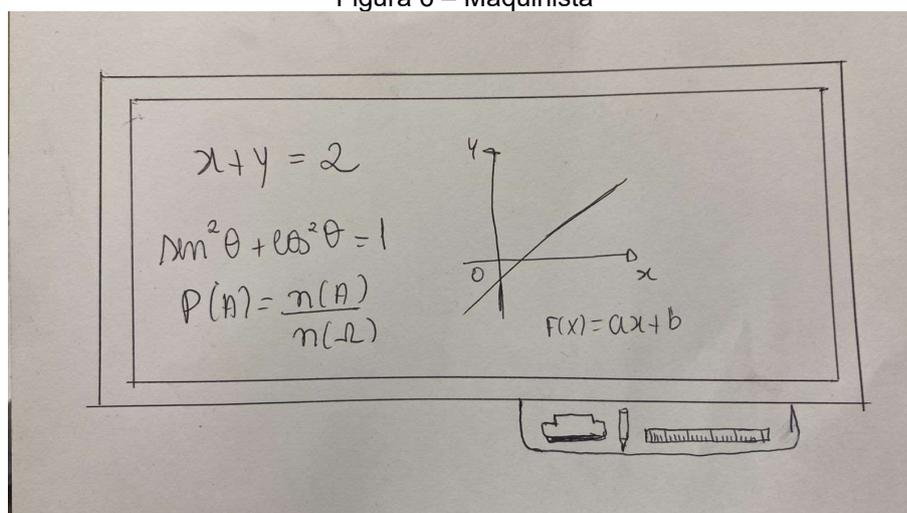
Em suas aulas, ele buscava sempre estabelecer conexões entre teoria e prática, mostrando que a matemática não era uma entidade isolada, mas uma ferramenta aplicável em diversas situações cotidianas. Essa visão ampliava o horizonte de seus alunos, permitindo que compreendessem a relevância da matemática em suas vidas, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Assim, a história de Maquinista não é apenas a de um estudante que gosta de matemática, mas a de um educador em formação que entende a importância da diferença nas experiências e nas relações. Em cada passo que dá, Maquinista reafirma sua crença de que a matemática, longe de ser apenas números e fórmulas, é uma chave para abrir portas e criar outras realidades.

4.6.1 Juntando as peças

O desenho realizado por Maquinista nos fala algumas coisas, a primeira delas é a variedade de conteúdos apresentados, desde uma equação, passando por probabilidade até a função, isto demonstra que Maquinista se adapta facilmente em diversos meios, como uma máquina que possui várias peças que se encaixam, uma engrenagem que funciona muito bem, independentemente de onde se encontre.

Figura 6 – Maquinista



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Neste sentido, podemos entender que o dever docente de Maquinista é composto por vários momentos, onde ele buscou a adaptação necessária para continuar, para progredir e avançar.

Assim, o dever docente pode ser visto como algo potente que transforma, que é construído com o tempo, desde a infância. O dever é o processo pelo qual a potencialidade se torna realidade. Hartman (2009, p. 67) discutindo sobre Aristóteles diz que "A potência é a capacidade de realizar algo que ainda não é." Isto é claramente visto no contexto de maquinista, dado o fato de toda sua história como monitor. Desde

quando foi escolhido para assumir tal posição, não apenas pela sua capacidade numérica, mas por seu manejo em sala de aula perante seus pares. Nisto, podemos ver, o que ainda não era (ser docente) ser realizado.

Deleuze e Guattari (1980, p. 23) afirmam que "O devir é uma linha de fuga, um desvio das formas estabelecidas, um movimento que cria novas possibilidades." Estas possibilidades se entrelaçaram com a realidade de Maquinista. Ainda aluno teve a oportunidade de ensinar, neste momento já começou a utilizar de metodologias utilizadas por aquele que o convidou a assumir a monitoria. O questionamento inicial aos alunos com o intuito de horizontalizar a relação na sala de aula era algo admirado por Maquinista, logo replicar isto era prazeroso ao mesmo. Mesmo tendo a consciência que na sala de aula as relações de poder são constantes.

Foucault (1979), nos diz que,

O poder não é uma instituição, nem uma estrutura, nem uma função. É o nome que se dá a uma multiplicidade de relações que se exercem sobre pontos diversos. É uma rede que se estende por toda a sociedade, onde se encontram forças e relações de força que não são apenas repressivas, mas também produtivas. (p. 93).

Não ser vertical durante a monitoria foi algo visto como positivo por Maquinista, algo que agregaria positivamente na sua atuação, por isso ele buscava uma relação de poder onde a relação com àqueles que ali estavam fossem de fato produtivas.

Esta atuação como monitor durante o ensino médio aumentou o desejo de Maquinista em adentrar na Universidade Federal de Pernambuco no curso de Licenciatura em Matemática, algo que se concretizou e neste novo espaço, seu devir continuava a se transformar.

O devir docente é um processo contínuo de transformação, onde o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas um agente que se reinventa constantemente, adaptando-se às novas realidades educacionais e às necessidades dos alunos. (Pimenta; Lima, 2012, p. 45)

Mesmo ainda como aluno, encontrava-se num novo espaço, onde mais uma vez era agenciado, confirmando o que falamos anteriormente sobre dispositivos. Entretanto, a ele foi proporcionado uma maior ação como docente, desde mais monitorias, mas também a possibilidade de ser participante de programas como o PIBID e RP, logo vivenciando outros momentos em sala de aula como docente.

Além destas novas atuações, foi agenciado novamente, agora via na utilização de jogos uma nova metodologia para agregar no seu fazer profissional, e este, atrelado ao diálogo que ele já realizava em sala lhe apresentou novas possibilidades.

A utilização de jogos na sala de aula de matemática não apenas torna o aprendizado mais dinâmico, mas também promove o engajamento dos alunos em atividades que favorecem a construção do conhecimento. Os jogos permitem que os estudantes explorem conceitos matemáticos de forma lúdica, o que pode facilitar a compreensão de temas complexos. Além disso, ao interagir com os colegas durante as atividades, os alunos desenvolvem habilidades sociais e de cooperação, essenciais para o trabalho em equipe. A prática de jogar em sala de aula, portanto, é uma estratégia pedagógica que vai além da simples aplicação de conteúdo, proporcionando um ambiente propício para a experimentação e a descoberta, onde os alunos se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado. (Maldonado, 2014, p. 112).

Como dito, os jogos atrelados aos questionamentos no início das aulas proporcionaram um algo a mais, que seria provocar nos alunos o desejo de ali estarem.

Os questionamentos no início das aulas são fundamentais para despertar o interesse dos alunos e promover a reflexão crítica. Ao iniciar uma aula com perguntas instigantes, o professor não apenas ativa os conhecimentos prévios dos estudantes, mas também cria um ambiente de aprendizagem mais participativo. Esses questionamentos podem direcionar a atenção dos alunos para os objetivos da aula, estimulando a curiosidade e o envolvimento com o conteúdo. Além disso, essa prática favorece a construção de um espaço onde os alunos se sentem à vontade para expressar suas opiniões e dúvidas, o que é essencial para um aprendizado significativo. (Libânio, 2013, p. 67)

Neste sentido, Maquinista passou a replicar aquilo que teve como exemplo no ensino médio e no superior, de modo a ter o seu próprio método de ensinar de contribuir com a educação, algo que ele continua fazendo atualmente.

4.7 JUNTANDO OS CONHECIMENTOS: PAIOLEIRO

Paioleiro trilha um caminho em sua jornada como professor de matemática, um percurso que começou a se delinear no ensino médio. Desde cedo, ele se questionava sobre a aversão que muitos alunos sentiam pela disciplina, navegando pelas razões que sustentavam esse desinteresse. Durante a graduação, sua busca o levou a investigar a relação entre o discurso e a percepção matemática, revelando que sua motivação era dismantelar essa visão negativa que envolvia a matéria.

Em sua prática, Paioleiro concebe a sala de aula como um vasto oceano de possibilidades, onde cada aluno pode explorar diferentes rotas para compreender os mesmos conceitos. Essa abordagem multifacetada reflete sua crença de que o aprendizado não se limita a uma única forma, mas se desdobra em diversas direções, permitindo que cada estudante encontre seu próprio caminho.

Duas educadoras marcaram sua trajetória: A primeira foi a sua professora de Matemática do ensino médio, e a segunda, uma professora da graduação. A docente no seu ensino médio não apenas o inspirou como educador, mas também como ser humano, estabelecendo um vínculo próximo que o motivou a seguir em frente. Já a professora da graduação foi fundamental em sua formação, ajudando-o a perceber a importância de valorizar a individualidade de cada aluno, um princípio que ele agora incorpora em sua prática.

Ao exercer a profissão, Paioleiro se dedica a olhar para cada estudante como um ser único, reconhecendo as diferentes necessidades e níveis de aprendizado que cada um traz consigo. Essa perspectiva personalizada é um reflexo das lições que aprendeu com suas professoras, que enfatizavam a importância de adaptar o ensino às particularidades de cada aluno.

O Residência Pedagógica se tornou um marco em sua formação, um espaço de experimentação onde ele pôde aplicar teorias e metodologias em um ambiente real. Essa vivência lhe permitiu observar os resultados de suas práticas, entendendo quais abordagens eram mais eficazes em diferentes contextos. Para Paioleiro, a sala de aula é um laboratório vivo, onde as ideias podem ser testadas e ajustadas conforme as necessidades dos alunos.

Ele percebe que o RP é mais lúdico do que teórico, permitindo que os educadores explorem novas estratégias de ensino de forma leve e afetiva. Embora lidar com a matemática no cotidiano possa ser desafiador, Paioleiro acredita que um ensino interativo e envolvente é essencial para superar as barreiras que os alunos frequentemente levantam.

A reflexão sobre os desafios de ser um educador inovador em um sistema que resiste a mudanças é constante. Mesmo com a formação recente de muitos professores, ainda há uma tendência a reproduzir práticas tradicionais que não atendem às demandas do século XXI. Essa realidade o impulsiona a buscar formas de se destacar, oferecendo um ensino que realmente impacte a vida de seus alunos.

Paioleiro valoriza o feedback dos estudantes, entendendo que, embora a aprovação seja desejável, o foco principal deve ser o aprendizado da disciplina. Ele prefere que os alunos desenvolvam uma apreciação genuína pela matemática, em vez de simplesmente gostar dele como professor. Por isso, analisa o desempenho nas atividades e utiliza essas informações para ajustar suas abordagens pedagógicas.

Além disso, ele se esforça para criar um ambiente seguro na sala de aula, onde os alunos sintam-se à vontade para expressar suas dúvidas e dificuldades. Essa abertura é crucial para desconstruir a imagem negativa que muitos têm da matemática. Promover uma cultura de respeito e empatia é parte de sua missão, esperando que seus alunos se sintam confortáveis para explorar a disciplina sem medo de errar.

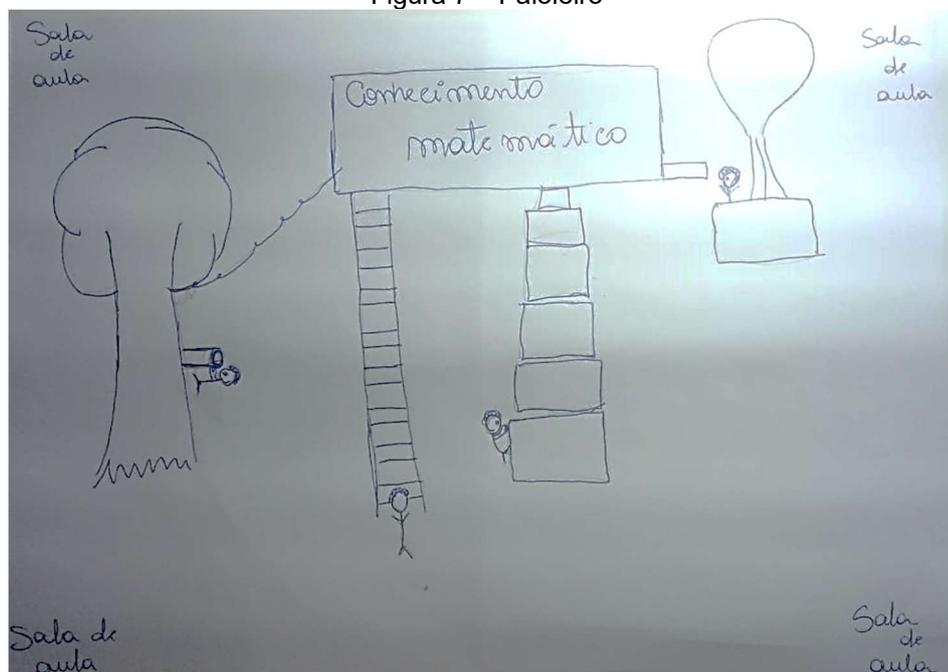
Sempre em busca de novas metodologias, Paioleiro se interessa por tecnologias educacionais e pôr como essas ferramentas podem enriquecer o aprendizado. A integração de recursos digitais, jogos e atividades práticas são algumas das estratégias que ele considera essenciais para engajar seus alunos e tornar a matemática mais acessível e interessante.

A trajetória de Paioleiro é marcada por uma incessante busca por inovação e compreensão no ensino de matemática. Inspirado por suas referências e pela experiência da residência pedagógica, ele está comprometido em criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e diversificado, onde cada aluno possa explorar suas próprias possibilidades de compreender a matemática.

4.7.1 Armazenando ideias

As várias maneiras de se atingir o conhecimento matemático foi aquilo que Paioleiro retratou no seu desenho, mostrando que cada um possui seu tempo, que cada um tem suas facilidades e dificuldades. Esta representação nos mostra que, para o professor, entender os diversos perfis que existem na sala de aula é fundamental para o processo de ensino e de aprendizagem. Este processo foi primordial no devir docente de Paioleiro.

Figura 7 – Paioleiro



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A subjetivação tem algumas características que valem ser observadas, dentre estas características podemos falar da subjetivação do dispositivo. Weinmann (2006) diz que,

Por meio do conceito de experiência, Foucault coloca os processos de subjetivação no mesmo nível dos que concernem ao saber e ao poder, em um tipo de entrelaçamento diverso daquele em que a subjetividade aparece apenas como uma derivada das relações de saber/poder. Essa nova conceitualização requer que se pense um dispositivo como um conjunto heterogêneo de práticas de saber, de poder e de subjetivação. (p. 20)

Neste sentido, percebemos que nos dispositivos existem práticas conjuntas que subjetivam os sujeitos, ou seja, a prática do meio que se está inserido. O mesmo Weinmann (2006) também afirma que,

Um dispositivo possui linhas de subjetivação. Deleuze sugere que Foucault puxou mais esse fio ao perceber que a dimensão do poder estava encerrando o mapa dos dispositivos em linhas de força intransponíveis, que impõem contornos definitivos. A subjetivação consiste, precisamente, na resistência à ação de tais forças, no ato de recurvá-las, de voltá-las sobre si próprias, constituindo uma dimensão que escapa tanto aos saberes, quanto aos poderes estabelecidos (embora possa, a todo o momento, ser por eles

recapturada): o si próprio. Nessa perspectiva, a subjetivação aparece como uma linha de fuga, que transpõe o limiar de um dispositivo, que lhe abre uma fissura. (p. 21)

Outrossim, Deleuze (1990, p. 72) diz que "A diferença não deve ser entendida como uma simples variação, mas como um agenciamento que envolve múltiplas relações e interações entre os elementos do meio." Assim, é evidente que o meio influencia diretamente nas ações de cada sujeito, inclusive os que são recentes no dispositivo.

Paioleiro, durante a educação básica, se viu num dispositivo no qual a Matemática era resistida, ele não entendia o porquê daquela aversão, isto o instigava a pensar os motivos, por vezes sem encontrar qualquer resposta. Apenas via que os vários sujeitos que eram inseridos – ou se inseriam – naquele dispositivo repetiam as mesmas práticas, logo repudiando a disciplina.

O gostar de alguma coisa está sempre associado ao conhecer e compreender aquilo que se afeiçoa; não se consegue um sucesso no aprendizado quando não há entendimento daquilo que se está estudando. Quando se compreende o ensinado e se percebe a utilidade que o mesmo pode ter na lida do educando como ferramenta de auxílio nas suas necessidades diárias. (Albarelo, 2014, p. 43)

Podemos observar que o gostar de algo está intimamente ligado ao conhecer este algo. Paioleiro desejava conhecer a Matemática e isto o instigou a querer mais e a sua professora da educação básica teve papel crucial neste processo, pois a afeição que Paioleiro tinha com ela, foi primordial para este processo. De tal modo que o mesmo decidiu por juntar todos os seus anseios e ingressar na licenciatura em Matemática.

Algo que ficou evidente no seu desenho foi justamente este processo de conhecer o que se estuda. Para alguns existe uma dificuldade maior em entender as abstrações da disciplina, para outros o processo se dá de maneira mais simples. Isto chamou a atenção de Paioleiro, pois ele estava num dispositivo que repudiava a disciplina e buscou uma rota de fuga, sendo um dos poucos da turma que gostavam. Freire (1996, p. 89) afirma que "O afeto e a relação com o conhecimento são fundamentais para a construção de um aprendizado significativo, onde o sujeito se vê instigado a explorar e a se aprofundar nas disciplinas que lhe despertam interesse." Então, buscar apresentar a Matemática de modo a gerar o querer mais da disciplina era o maior desafio de Paioleiro.

Assim, ao adentrar na licenciatura, o principal objetivo de Paioleiro era mudar a visão na sala de aula, o primeiro ponto era que os seus alunos conhecessem o que estavam estudando, para que pudessem querer mais da disciplina e a afeição a ele seria consequência da afeição pela Matemática.

Este processo iniciou no RP, onde Paioleiro pôde colocar em prática o que há tanto tempo desejava. Na sua prática, começou a utilizar metodologias que havia presenciado na graduação, que a outra professora que o subjetivou, tais práticas foram essenciais para aperfeiçoar seu processo de ensino, de tal forma que, atualmente, permanece com elas nas suas salas de aula.

Portanto, a afeição com a professora do ensino básico, assim como as práticas da professora do ensino superior, exerceram papéis preponderantes na escolha e práticas de Paioleiro, sendo evidenciados no RP e como profissional da educação, dado o fato destas práticas terem marcado o seu devir.

5 ENTRELAÇAMENTO

Na navegação, quando um quantitativo de navios segue uma mesma rota, em comboio, dá-se o nome de Esquadra na qual existe um navio que comanda os demais, chamado de Navio Capitânia. Este trabalho segue como um Capitânia, porém não como aquele que comanda, mas como o que organiza os demais.

Pensando nesta organização, cabe-nos associar, ou seja, fazer um paralelo entre os devires que aqui foram descritos, apresentando aquilo que os assemelha, mesmo tendo em mente as diversas multiplicidades existentes.

No que tange a esta semelhança, todos os sujeitos apresentaram professores que, direta ou indiretamente, influenciaram suas escolhas, fato este evidente em todas as descrições.

A descrição dos devires revela uma rica tapeçaria de experiências que se entrelaçam e se diferenciam, refletindo a Filosofia da Diferença. Cada um dos sujeitos traz consigo não apenas suas histórias pessoais, mas também uma multiplicidade de influências, desafios e aspirações que moldam sua identidade docente.

Um fato que é perceptível em todos os casos é a afeição pela Matemática, porém este ainda não sendo o principal fator de escolha pela profissão, mas é nítido que este ponto foi a partida para esta escolha. Em todas as situações, foi visto que a afeição pela disciplina fez com que o sujeito também se afeiçoasse ao docente, algumas vezes a professores de outras disciplinas, mas o fato de terem professores como exemplos de vida serviu como uma inspiração poderosa. Esses educadores não apenas transmitiram conhecimento, mas também cultivaram um ambiente de aprendizado que valorizava a curiosidade e a criatividade. A conexão emocional com esses professores se manifestou em um desejo de replicar a experiência positiva que tiveram, levando-os a considerar a docência como uma forma de impactar a vida de outros da mesma maneira.

Neste contexto o quadro que segue sintetiza as falas dos sujeitos:

Quadro 1 – Sujeitos e seus principais agenciadores

SUJEITO	QUEM AGENCIOU	O QUE AGENCIOU	INFLUÊNCIA DO RP
Aviador	Os professores de Português, Matemática e Geografia.	Os debates que existiam nestas disciplinas.	Proporcionou experiências práticas que ajudaram a solidificar seu entendimento sobre a Matemática, embora sua influência não tenha sido determinante na escolha da profissão.
Mergulhadora	Professor de História.	Prática pedagógica e o brincar de escolinha quando estava em casa.	O RP permitiu que ela aplicasse suas habilidades em um ambiente real, reforçando sua afeição pela Matemática e sua vontade de ajudar os demais.
Faroleira	A tia que era professora.	O amor pela profissão que a tia tinha.	Ofereceu a oportunidade de vivenciar a prática docente, ajudando-a a superar desafios e a entender melhor a dinâmica da sala de aula.
Escrevente	A mãe que era professora de Matemática.	A prática pedagógica da mãe.	Contribuiu para o desenvolvimento de sua identidade como educadora, permitindo que ele experimentasse diferentes abordagens pedagógicas.
Maquinista	Professor de Matemática do Ensino Médio.	A Monitoria de Matemática que exerceu por encaminhamento do professor em questão.	Incentivou a reflexão sobre metodologias de ensino, ajudando a desmistificar a Matemática e a torná-la mais acessível para os alunos.
Paioleiro	Professora de Matemática do Ensino Médio e uma professora da Graduação.	A afinidade e intimidade que tinha com sua professora do Ensino Médio.	Possibilitou a implementação de práticas inovadoras, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo e inclusivo.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

De maneira unânime, percebemos que todos os sujeitos tiveram como seus agenciadores, seus professores, dois deles, além de professores, possuíam o vínculo familiar. Assim, inferimos que existe uma relação intrínseca entre sujeito e docente, uma relação de poder que advém do estudante já gostar de uma disciplina. Dos 6 sujeitos, 4 foram agenciados diretamente por professores de Matemática, 1 por um professor de História e 1 por uma pedagoga.

Neste sentido, podemos constatar que o fator gostar de Matemática, deste grupo pesquisado, está intimamente ligado a afeição pelo docente de Matemática. O fato de gostar de uma Matéria pode fazer com que o estudante tenha uma maior relação com o docente. Freire (2013, p. 77) diz que "Quando o aluno se encanta pela matéria, a figura do professor passa a ser admirada, pois ele se torna o mediador desse conhecimento que fascina." Além disso, Moura (2010, p. 45) afirma que "O interesse do aluno pela matéria é um dos principais fatores que contribuem para a formação de uma relação positiva com o professor." Logo, o fator de o estudante já gostar de uma disciplina já se torna um ponto favorável na sua relação com o docente e isto abre portas para o agenciamento à docência.

Deleuze e Guattari (1995) refletem que o processo de aprendizagem é sempre uma interação entre as singularidades do professor e as singularidades do aluno; quando o aluno se conecta com o conteúdo, a presença do educador se torna fundamental em sua trajetória de descoberta.

O aprendizado não é apenas a transmissão de conteúdos, mas um processo de encontro e reconhecimento entre as singularidades do aluno e do professor. Quando o aluno se entusiasma com a matéria, ele não apenas absorve informações, mas estabelece uma relação afetiva com o conhecimento. Essa conexão faz com que a figura do professor se torne um facilitador e um guia, cuja paixão pela disciplina ressoa na experiência do aluno, criando um ambiente onde ambos podem explorar juntos as nuances do saber. (Freire, 2013, p. 74)

Assim, a relação afetiva com o professor associado ao fator de já gostar de Matemática é preponderante para a escolha profissional, ademais a prática pedagógica do docente ainda contribui para esta escolha.

Todavia, não podemos deixar de falar das duas outras situações, um agenciamento advindo de um professor de História e outro de uma Pedagoga. No que tange a primeira situação, esta se assemelha ao caso deste pesquisador que também foi agenciado por um professor de História.

Sobre este primeiro caso, é interessante observar que a prática pedagógica se sobressaiu, de tal modo que, mesmo o interesse em outra disciplina, mas a maneira de ensinar capturou o sujeito. Podemos dizer, que a vontade de ensinar como aquele professor atraiu o sujeito à docência e não necessariamente à disciplina.

O que capturou Mergulhadora, não foi a Matemática, mas a prática pedagógica que o agenciou. A metodologia utilizada pelo docente foi crucial para a escolha,

inclusive, como anteriormente citado, Mergulhadora se via num labirinto de opções (cinco), mas a vontade de ensinar como àquele seu professor superou as demais.

Bauman (2010) afirma que,

“O que mais importa para os jovens é preservar a capacidade de remodelar a identidade e a rede no momento que surge a necessidade de refazê-las, ou quando se suspeita que essa necessidade já tenha surgido”. (BAUMAN, 2010, p. 42)

Foi o que o sujeito fez, remodelou a identidade, o que realmente desejava se sobressaia as demais. O professor foi extremamente importante neste processo, pois foi capaz de – através da prática docente – atrair o estudante, mesmo que não para sua disciplina, mas para a educação.

Além disso, devemos abrir um parêntese nestas análises para falar dessa influência na juventude, pois agenciar na sala de aula no contexto do mundo líquido atual é um desafio para a classe docente, inclusive pelas diferenças entre as gerações.

Há uma longa história de incompreensão recíproca entre gerações, entre os “velhos” e os “jovens”, e de conseqüente desconfiança mútua. Sintomas desse descompasso já foram percebidos em épocas bastante remotas. Mas a desconfiança entre gerações tornou-se muito mais visível em nossa era moderna, marcada por profundas, contínuas e aceleradas mudanças nas condições de vida. (Bauman, 2010, p. 12)

A era tecnologia evidenciou a fala de Bauman (2010), pois conseguimos ver tais fatos de maneira nítida, sendo que já era visível a disparidade entre gerações é poças anteriores, todavia isto ficou mais intenso. Daí a necessidade de se compreender a prática docente.

Voltando ao caso do professor de história, de fato podemos inferir que sua atuação que inspirou Mergulhadora desta pesquisa, logo ele contribuiu para o crescimento do corpo docente, mesmo que sem saber.

O último caso é do agenciamento da Pedagoga. O Ensino Fundamental I ou Ensino Fundamental Anos Iniciais, possui a característica de possuir Professores Polivalentes. Por si só, isto já mostra a dificuldade e a necessidade constante de aprimoramentos e formações multidisciplinares.

Os professores polivalentes enfrentam desafios significativos, como a falta de formação específica em diversas disciplinas e a sobrecarga de trabalho, o que pode impactar a qualidade do ensino. Conforme Pimenta e Lima (2012, p. 112)“ Os

professores polivalentes enfrentam uma série de desafios, incluindo a falta de formação adequada e a necessidade de lidar com diferentes conteúdos e metodologias."

Mas, para a professora de Faroleira isto não foi empecilho para capturar seus estudantes.

Em determinado momento da entrevista, Faroleira, que é o caso em questão, disse que não sabia fazer contas de divisão e foi esta pedagoga, que era sua tia, que, com muita calma e paciência, a ensinou, e isto fez com que ela se afeioasse a Matemática e à docência, pois a sua tia professora a agenciou.

Neste contexto, é imprescindível dizer que o dispositivo família se associou ao dispositivo escola, formando um novo dispositivo no qual foi possível interligar e entrelaçar os ambientes e este foi uma das principais causas do agenciamento positivo.

Portanto, podemos observar que em todos os casos, foi necessário considerar o papel da prática pedagógica no agenciamento dos sujeitos. A experiência vivida por cada um deles, seja em sala de aula ou em contextos informais, revela como a metodologia de ensino pode impactar a formação de futuros educadores e assim agenciá-los. A figura do professor se torna não apenas um transmissor de conteúdos, mas um facilitador de experiências que despertam o interesse e a paixão pela educação. Essa conexão é especialmente evidente nos casos em que a prática docente se destaca, mostrando que a forma como o conhecimento é apresentado pode ser tão influente quanto o próprio conteúdo. Portanto, a capacidade de um professor de engajar e inspirar seus alunos é um dos fatores mais críticos, mas não único, na formação de novos docentes.

Por fim, ao analisarmos as influências que moldam as trajetórias desses sujeitos, fica evidente que a intersecção entre a vida familiar e a escolar é um aspecto importante a ser visto. As histórias de vida apresentadas mostram que o suporte e o incentivo recebidos em casa, aliados à inspiração encontrada na escola, criam um ambiente propício para o desenvolvimento de uma identidade docente. Essa combinação de fatores não apenas fortalece a relação com a Matemática, mas também amplia a compreensão do papel do educador na sociedade.

As reflexões sobre as experiências dos participantes em suas jornadas de formação docente revelam uma série de outros desafios estruturais que permeiam o campo da educação. A trajetória de cada participante mostra como as influências

familiares e o contexto social moldam suas escolhas. Aqueles que vêm de famílias que valorizam a educação, como Escrevente, tendem a ter um suporte emocional e prático maior, enquanto outros, como Faroleira, enfrentam pressões sociais que podem dificultar suas aspirações. Além disso, a expectativa de ser o primeiro da família a obter um diploma pode criar um estresse adicional, impactando a saúde mental e a motivação dos futuros educadores.

Outro aspecto importante é a desconexão entre a teoria estudada na universidade e a realidade da sala de aula, evidenciada nas experiências práticas de muitos participantes, como Aviador e Mergulhadora. Eles relataram que suas vivências na residência pedagógica não corresponderam às expectativas formativas, indicando a necessidade de inovação na formação docente. A resistência a novas metodologias e a perpetuação de práticas tradicionais, como observado por Paioleiro, destacam que a educação deve evoluir para incluir abordagens mais interativas e centradas no aluno. Nos mostrando a importância de programas que insiram os estudantes das licenciaturas no contexto prático, assim como o RP.

A busca por formação continuada é um tema recorrente entre os participantes. Mergulhadora e Paioleiro enfatizam a necessidade de atualização constante para enfrentar os desafios contemporâneos da educação, sugerindo que os currículos de formação inicial devem incluir estratégias para o desenvolvimento profissional ao longo da carreira. A pandemia e a transição para o ensino remoto evidenciam ainda mais a importância de preparar os educadores para lidar com situações imprevistas e a necessidade de desenvolver competências digitais.

A criação de ambientes de aprendizado acolhedores e inclusivos é fundamental. Os relatos de Mergulhadora e Faroleira mostram que um espaço seguro para a expressão de dúvidas e dificuldades é crucial para um aprendizado significativo. Além disso, as experiências positivas com professores, como as de Maquinista e Paioleiro, ressaltam a importância das relações interpessoais na educação. Educadores que se preocupam com o desenvolvimento integral dos alunos podem motivá-los a se engajar mais ativamente no processo de aprendizagem.

Em suma, a análise das trajetórias dos sujeitos revela que a escolha pela docência é um fenômeno complexo, influenciado por múltiplas dimensões. A afeição pela Matemática, a relação afetiva com os professores e a prática pedagógica são elementos que, juntos, configuram um emaranhado de linhas de força, em que a educação se torna um espaço de transformação e construção de identidade. É nesse

contexto que se reafirma a relevância do papel do educador, não apenas como um profissional que ensina, mas como um agente de mudança que influencia gerações e contribui para a formação de uma sociedade mais crítica e consciente.

6 MINHA NAVEGAÇÃO

Lá na educação básica, poucas áreas profissionais me chamavam a atenção, mas o Direito sempre foi uma que possuía um destaque, mesmo sem nunca ter tido qualquer convivência com advogados, acredito que era o glamour da profissão, a maneira que os advogados andavam, isto me atraía, todavia não tive uma razão forte para seguir este rumo.

Durante o Ensino Fundamental Anos Finais tive a oportunidade de ter o Professor Luiz Carlos como meu professor de História, o que ele fazia em aula me atraía. Lembro vividamente como ele começa as aulas, as perguntas que moviam meu interior em busca das respostas, aqueles questionamentos sempre mexiam comigo. Aquela maneira de iniciar servia como uma onda roque, bagunçava tudo e, repentinamente, parava, pois o controle da aula estava nas mãos dele, como isto me encantava.

Mas, não era apenas isto que me deixava em turbilhões, lembro-me das histórias contadas por ele, retiradas do livro “O Homem que Calculava” de Malba Tahan². Como eram interessantes quando, no fim das suas aulas, ele puxava o livro da bolsa e contava para turma um dos contos daquele livro, este ponto foi tão forte para mim que tenho um exemplar deste livro e faço o mesmo em minhas aulas, sempre leio um dos contos para meus alunos.

Este professor mudou meu pensamento de tal forma que adentrei no Ensino médio com o desejo de me tornar professor de História, passei todo o meu 1º Ano do Ensino Médio (2007) com este pensamento, destaco que quando falava isso, meus colegas de turma achavam que não era uma boa profissão, mas isto não parecia me incomodar, o que mais me incomodava era que o Ensino Superior parecia distante da minha realidade.

Mesmo estudando em escola particular, as condições da minha família não eram boas, para manter meus estudos eu trabalhava no contraturno e eu mesmo pagava a mensalidade, lembro que neste 2º ano eu pegava tudo que recebia para

² Malba Tahan, um pseudônimo de Júlio César de Mello e Souza, foi um escritor e professor brasileiro nascido em 1895 e falecido em 1974, foi um renomado educador e escritor, conhecido por suas histórias que misturam matemática e literatura. Seu trabalho visa tornar a matemática mais acessível e interessante para os leitores.

pagar a escola. Estudava pela manhã e quando largava, corria para almoçar, pois pegava no trabalho às 14h até as 22h.

Neste mesmo ano, assistindo TV vi uma propaganda chamando para fazer o concurso de Aprendizes Marinheiros da Marinha do Brasil, naquele momento vi a oportunidade de melhorar de vida, decidi então fazer aquele concurso, a inscrição era R\$ 11,00, que eu não tinha, pois deixava todo o meu salário na mensalidade e meu pai não recebia muito, mesmo assim ele conseguiu aquele dinheiro e fiz a inscrição.

Meu trabalho era numa empresa de bordados industriais e o barulho era ensurdecedor, usávamos um abafador para amenizar, foi neste ambiente que estudei para o concurso, sendo aprovado na prova teórica no ano de 2008. Mas ainda não estava concluído o processo, passei todo aquele ano fazendo exames e testes físicos. Meu pai lutou bastante para conseguirmos nos locomover até Recife para tais realizações, por fim, fui aprovado em todos e no ano de 2009 ingressei na Escola de Aprendizes Marinheiros de Pernambuco (EAMPE).

Parecia que meu destino estava traçado, daquela escola de formação, ingressei no Navio Patrulha Goiana em Natal, posteriormente voltei para a EAMPE para fazer parte da equipe de trabalho, agora não mais como aluno, e em 2012 fui transferido para o Rio de Janeiro para realizar o curso de Formação de Cabos.

Neste intervalo de tempo fiz um curso livre que muito me interessava, mas como não podia cursar nada presencialmente devido as várias viagens no Navio Patrulha, fiz Teologia EAD, algo que me reacendeu a chama do estudo, em especial a História, mas nada que, efetivamente, me fizesse largar aquele cargo efetivo.

Ali no Rio de Janeiro com minha esposa o custo de vida era muito alto, isto sim me obrigou a tomar uma decisão importante. Minha família (Eu e minha esposa) passar necessidade ao meu cargo efetivo? Decidi por minha família e pedi exoneração e voltamos para Pernambuco.

Aqui tivemos ajuda do meu pai, que já melhor financeiramente, nos ajudou na construção da nossa casa e seguimos nossa vida, porém não me sentia realizado, algo me incomodava.

Passando em frente ao IFPE, juntamente com minha esposa, falei sem pensar duas vezes: “Vou fazer um curso aí”, ao chegar em casa fui buscar como poderia e vi que as inscrições terminavam no dia seguinte, creio com toda a certeza que Deus agiu nesta causa. Fiz minha inscrição no vestibular para cursos subsequentes, escolhi Edificações e fui aprovado, iniciando minhas aulas em 2015.

Naquele lugar aprendi várias técnicas voltadas a construção civil, porém foi sendo monitor da disciplina de Planejamento e Controle de Obras, disciplina voltada a cálculos e confecção de tabelas estatística, que me achei finalmente. Lembrei das aulas daquele professor de História, a maneira que ele fazia comecei a utilizar naquelas monitorias e a confirmação que daria certo foi à aprovação daqueles que participavam na minha monitoria na disciplina. Aquilo me deixou em êxtase, foi surreal o sentimento que senti, pois sabia da dificuldade de meus colegas naquela disciplina durante as aulas, muitas vezes o choro tomava conta.

Fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2016 e na abertura do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) optei por Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Campus do Agreste (CAA), sendo aprovado e iniciando minha formação em 2017.

Na UFPE pude participar de vários projetos, dentre eles o PIBID e o RP, nestes foi possível me aprofundar mais no contexto da sala de aula e assim ter a certeza que era aquilo que queria. O RP em especial, foi de suma importância na minha formação docente, pois nele tive o prazer de fazer parte de três escolas distintas, com suas peculiaridades e especificidades, desse modo me entendi a necessidade de me adaptar nas diversas realidades.

Na academia tive, mais uma vez, a certeza do que queria, trouxe a memória tudo o que moldou o meu devir, concretizei o que parecia um sonho distante, mas que havia se tornado realidade, hoje adentro na escola para ministrar minhas aulas, convicto de que estou no meu espaço, onde tinha de estar e continuarei lutando para que mais pessoas vejam a educação como espaço de resiliência, de crescimento e luta, um espaço de liberdade e construção de ideias, um espaço vivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que foi visto durante este estudo provocou em nós um sentimento que acreditávamos não sentir em uma pesquisa acadêmica. O fato de, inicialmente falarmos que esta pesquisa tinha características singulares se fizeram claras, pois de fato, fomos agenciados. Linhas de força nos transpassaram de modo a mudar a nossa rota, a ressignificar nosso pensamento a respeito de muita coisa.

Neste contexto, podemos perceber que de fato o agenciamento é evidente e forte no contexto da sala de aula, mesmo na liquidez que estamos inseridos, a prática pedagógica do professor atrai, muda e ressignifica a vida dos estudantes, ou até mesmo, afasta e faz mudar de rota, uma rota de fuga, linha de fuga.

Ao passo que, as atitudes em sala de aula podem capturar e fazer parte do devir docente de um determinado sujeito. Entretanto, não apenas as práticas pedagógicas são o motor que cria o desejo de ser professor, mas faz parte de algo maior, visto que, como conseguimos observar, a família influência, a sociedade influência e pressão por conseguir um objetivo influência.

Assim, é válido destacar que não estamos aqui para largar a âncora e fundear o navio desta pesquisa, pois a mesma não se encerra, pelo contrário, abre tantas outras escotilhas e até mesmo portas estanque com finalidade de dar acesso a outros pesquisadores que, movidos pelo desejo – assim como este pesquisador – enveredem por um mar tão amplo e profundo que é a subjetividade humana, independente da área, mesmo que não seja a Matemática, mas que o agenciamento que acontece em sala seja visto, pois é fato, assim como em qualquer outro dispositivo.

Aqui não desejamos a destruição ou a desmistificação dos discursos já existentes, mas adentrar num novo campo e assim poder alargar nosso campo de visão educacional, pois assim como os dados apresentados, nós agenciamos e somos agenciados e assim criamos novos discursos a partir de outros existentes ou, até mesmo, do nosso viver anterior, nosso devir. Cada um tem seu próprio devir, sua própria construção. Cada movimento foi um tijolo acrescido a este devir fazendo-nos chegar ao ponto que estamos assim como cada sujeito desta pesquisa.

Como já dito, este estudo se encerra, mas não se encerra a pesquisa a respeito do assunto, estamos atracando o nosso navio no porto, como diz a canção do Cisne Branco, hino da Maria do Brasil. Cumprimos nossa missão!

Qual cisne branco que em noite de Lua
Vai deslizando num lago azul
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de Norte a Sul
Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso
Quanta alegria nos traz a volta
À nossa pátria do coração
Dada por finda a nossa derrota
Temos cumprido nossa missão
Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso
Qual linda garça que aí vai cruzando os ares
Vai navegando sob um belo céu de anil
Minha galera também vai cruzando os mares
Os verdes mares, os mares verdes do Brasil
Quanta alegria nos traz a volta
À nossa pátria do coração
Dada por finda a nossa derrota
Temos cumprido nossa missão
Linda galera que em noite apagada
Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da pátria minha em que tanto penso (Silva, 1850)

REFERÊNCIAS

- ALBARELLO, Quielen R. S. **Um olhar sobre a Matemática: Fobia ou Encantamento?** Dissertação (mestrado) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Programa de Pós-Graduação em Educação, Frederico Westphalen, 2014.
- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba; MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, jul. a dez. 2011, Vol. 12, No. 2, 205-214.
- ALMEIDA, Fabiana Hilário de; MELO-SILVA, Leal. **Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura.** Psico-USF, v. 16, n. 1, p. 75-85, jan./abril 2011.
- BARROSO, Vera Lúcia Maciel; PEREIRA, Nilton Mullet; BERGAMASCHI, Sirlei Teresinha; GEDOZ, Silvana Tavares; PADRÓS, Enrique Serra. **Ensino de História: desafios contemporâneos.** São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **As 44 cartas do mundo líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- BRASIL. **Hino da Marinha do Brasil.** Composição de Francisco Manuel da Silva. [Rio de Janeiro: Editora da Marinha, 2023].
- CARRANO, E. G. **A identidade do professor: implicações da formação docente.** Porto Alegre: PUC-RS, 2015.
- CARLOTO, Yan. **Faróis: luzes que guiam os navegantes na Amazônia Azul.** Agência Marinha de Notícias, 2022. Disponível em: [https://www.agencia.marinha.mil.br/especial/farois-luzes-que-guam-os-navegantes-na-amazonia-azul#:~:text=O%20Faroleiro%3A%20import%C3%A2ncia%20do%20fator%20human%20o&text=Esse%20profissional%20vai%20al%C3%A9m%20da,os%20dias%20na%20costa%20brasileira](https://www.agencia.marinha.mil.br/especial/farois-luzes-que-guam-os-navegantes-na-amazonia-azul#:~:text=O%20Faroleiro%3A%20import%C3%A2ncia%20do%20fator%20human%20o&text=Esse%20profissional%20vai%20al%C3%A9m%20da,os%20dias%20na%20costa%20brasileira.). Acesso em 10/12/2024.
- CASTRO, Pierre Paulo da Cunha. **A institucionalização do Corpo de Maquinistas da Marinha: notas ampliadas para o entendimento da disciplina e do comportamento dos maquinistas na Revolta dos Marinheiros de 1910.** 2017. XXIX Simpósio Nacional de História. Anais. Contra os preconceitos: História e Democracia. ANPUH. Brasília, DF, 2017.

CERQUEIRA, Thaís. **A complexidade das ações aéreas em alto mar. Agência Marinha de Notícias.** Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/defesa-naval/complexidade-das-operacoes-aereas-em-alto-mar>. Acesso em 05/01/2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1980.

DELEUZE, Gilles. **O QUE É UM DISPOSITIVO? ¿QUE É UN DISPOSITIVO?** In: **FOUCAULT.** Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição.** São Paulo: Editora 34, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Editora 34, Ltda., 1992. (Obra original publicada em 1991).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia - v1.** São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 93.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 1990.

KASTRUP, Virgina. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Jogo e educação: a importância do brincar no desenvolvimento infantil.** São Paulo: Editora Pioneira, 2002.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Brincar e aprender: a importância do jogo na educação infantil.** São Paulo: Editora Cortez, 2010.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Educação. A Educação e o seu Outro.** Organizado por: Larrosa, André e outros. São Paulo: Editora Autêntica, 2002.

LEVY, Tatiana Salem. **O fora como o (não-)espaço da literatura.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Minas Gerais, 2009.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática: fundamentos e métodos.** 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

MAGALHÃES, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências.** 1. ed. Maringá, PR: Gráfica e Editora Massoni, 2021.

MALDONADO, Marcia. **Jogos e matemática: uma abordagem lúdica para o ensino.** São Paulo: Editora Moderna, 2014.

MARINHA DO BRASIL. **Manual de Procedimentos Administrativos.** Brasília: Diretoria de Administração, 2020.

MONTESSORI, Maria. **A Mente Absorvente.** São Paulo: Editora Artesã, 2001.

MOURA, Maria Helena. **A relação professor-aluno: caminhos para uma educação de qualidade.** São Paulo: Editora Moderna, 2010.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.** Pro - Posições, v. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set./dez. 2012.

ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL (OMM). **Glossário de Meteorologia. 2021.** Disponível em: https://library.wmo.int/doc_num.php?explnum_id=10708. Acesso em: 30 jun. 2024.

PASSOS, Aruanã Antonio dos. **Cartografia e Diagramas em Vigiar e Punir.** Paraná, 2007, p. 1-9.

PACHECO, Roberta. **A experiência na educação: um caminho para a formação integral.** São Paulo: Editora Unesp, 2017.

PENSIN, Daniela Pederiva. **Docência na educação superior: a constituição de uma docência que opera pelo agenciamento.** Roteiro, Joaçaba, v. 43, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2019.

PIMENTA, Célia Maria Fernandes; LIMA, Rinaldo. **Formação de professores: saberes e práticas.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 13. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012. p. 488a-489d.

QUEIROZ, Simone Moura. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza. Rio Claro: UNESP, 2015.

QUEIROZ, Simone Moura. **A Educação em Meio ao Hiperativismo Sócio-Cultural do Mundo Líquido**. In: XII Encontro Nacional de Educação Matemática, XII ENEM., 2016, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2016, v. 12, p. 1-9.

ROBAINA, José Vicente Lima. et al. **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação**. 1. ed., Curitiba: Bagai, 2021.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura**. São Paulo: N-1 Edições, 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: UFRGS, 2011.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Clínica e vida no trabalho com famílias**. 2003. 210 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo.

SÁ, Leonardo. **Nas profundezas de um sonho: a carreira de um mergulhador da Marinha do Brasil**. Agência Marinha de Notícias. Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/especial/nas-profundezas-de-um-sonho-carreira-de-um-mergulhador-da-marinha-do-brasil>. Acesso em 10/12/2024.

SARAIVA, Gilberto Rodrigues. **Família e Produção de Subjetividade: O Caos, O Múltiplo e o Mutável pela via da Imanência**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, n. 3, jan./jul. 2017 – ISSN 2448-0738.

SCHÖPKE, Regina. **O Conceito de "Diferença" Na obra de Gilles Deleuze**. Rogsil's Blog, 2009. Disponível em: <https://rogsil.wordpress.com/2009/11/22/o-conceito-de-diferenca-na-obra-de-gilles-deleuze/>. Acesso em: 26 set. 2023.

SERAFIM, Joquebede Alice Dos Santos. **Perspectiva dos alunos do ensino médio com relação à escolha de um curso de graduação**. Bacharelado. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciência e Tecnologia – Bacharelado) - Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA, Mossoró, 2020.

SILVA, Regiany. **Desde 2012, professores contam quem foram os mestres que inspiraram suas trajetórias**. Porvir, 2016. Disponível em: <https://porvir.org/professores-contam-quem-foram-os-mestres-inspiraram-suas-trajetorias/>. Acesso em: 27 out. 2021.

SILVA, J. R. **As rotas de fuga: liberdade e resistência**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

SILVA, Wanessa Mayara da. **Devir docente: descrevendo algumas subjetivações de um grupo de discentes do curso de matemática - licenciatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Matemática - Licenciatura) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

SIMIONATO, Marli. **Percursos, Fragmentos e Encontros: Singularidades na Docência**. Santa Maria/RS. Tese de Doutorado. Repositório Digital da UFSM, 2014.

TÁRTARO, Tássia Ferreira. **Ex docente: invenções do devir-guerreiro no professor de matemática**. Orientador: Antônio Carlos Carrera de Souza. Rio Claro: UNESP, 2016.

VITKOWSKI, José Rogério. **Filosofia da diferença: Interfaces educacionais**. Filosofia e Educação [RFE], v. 9, nº 2, p. 71–85, 2017.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **Dispositivo: um solo para a subjetivação**. Psicologia & Sociedade; 18 (3): 16-22; set/dez. 2006.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa DEVIR DOCENTE: Os agenciamentos como primeiro passo para o surgimento de novos docentes, que está sob a responsabilidade do pesquisador Wyllyamis José de Assis, residente à Estrada taquara de Baixo, 03, Vila Nossa Senhora das Graças, 03, CEP 55.099-899, Caruaru/PE, telefone 81 9.9339-8266, e-mail Wyllyamis.assis@ufpe.br

Esta pesquisa está sob a orientação de Simone Moura Queiroz, telefone: 81 9.9885-4472, e-mail simone.mqueiroz@ufpe.br

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** Buscando compreender quais as influências e agenciamentos que os estudantes da licenciatura perceberam que sofreram durante suas vidas, elaboramos esta pesquisa com o objetivo geral de descrever a percepção dos discentes da Licenciatura em Matemática a respeito dos agenciamentos coletivos e processos de subjetivação, ocorridos durante sua formação, básica e acadêmica, que incorreram na escolha da carreira. Para esta pesquisa, serão selecionados, no máximo, oito licenciandos (as) que, individualmente, passarão por uma entrevista com o pesquisador, que utilizará gravador de áudio para tal coleta, além disso, o licenciando (a) fará um desenho que represente seu devir docente (História docente).
- **RISCOS:** Os participantes podem enfrentar cansaço ou aborrecimento ao responder aos questionários, sentir constrangimento ao se expor durante a coleta de narrativas, experienciar mudanças em sua autoestima devido à evocação de memórias e perceber alterações em sua visão de mundo, relacionamentos e comportamentos devido às reflexões realizadas. Para mitigar esses riscos mencionados, adotaremos uma abordagem humanizada na condução da pesquisa, permitindo que os entrevistados respondam de acordo com sua própria comodidade e garantindo seu anonimato.
- **BENEFÍCIOS diretos/indiretos** para os voluntários: a pesquisa visa incentivar os participantes a refletirem sobre a profissão que escolheram e destacar os aspectos positivos da jornada acadêmica, além de resgatar as contribuições de diversos autores no desenvolvimento de suas carreiras docentes individuais.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, como gravações, entrevistas e desenhos, ficarão armazenados empastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador principal, no endereço acima citado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo: DEVIR DOCENTE: Os agenciamentos como primeiro passo para o surgimento de novos docentes, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Impressão
digital

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: